

Estudos Sobre Arte Rupestre

In memoriam
Andrea Martins



Associação dos Arqueólogos Portugueses

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Coordenação Editorial

José Morais Arnaud, César Neves e Mariana Diniz

Design gráfico

Paulo Freitas

Desenhos da capa e contracapa

Motivos da Lapa dos Gaivões, Painel 6. © Andrea Martins

Impressão

Greca, Artes Gráficas

Tiragem

400 exemplares

ISBN

978-989-35672-3-4

Depósito legal

544271/25

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os textos desta publicação são da inteira responsabilidade dos autores.

As gravuras das rochas 1 e 2 de Namoradas (Urgal, Vila Nova de Foz Côa). Contributo para o conhecimento da arte esquemática gravada do Complexo Rupestre Côa-Douro

Mário Varela Gomes

IAP-Univ. Nova de Lisboa / Academia Portuguesa da História, Academia Nacional de Belas-Artes e Associação dos Arqueólogos Portugueses / mv.gomes@fcsh.unl.pt

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



Resumo: O Sr. Manuel Joaquim Afonso identificou, em maio de 1995, superfície com gravuras rupestres, que havíamos de catalogar como rocha 1 de Namoradas e documentar, poucos dias depois, a par de outra que então identificámos e se situa próxima (rocha 2), mas possuindo escassas manifestações iconográficas. A rocha 1, além de gravuras filiformes, isoladas ou formando conjuntos (traçados), que podemos atribuir ao Paleolítico Superior, talvez algumas reproduzindo linhas de dorso de quadrúpedes, apresenta imagens obtidas por percussão, onde as técnicas de execução e as observações estratigráficas, verticais ou horizontais, permitem reconhecer cinco grandes etapas. Assim, foram primeiramente gravados conjuntos de incisões filiformes, depois grandes figuras esquemáticas, construídas a partir de negativos, com contorno circular ou oval, constituindo linhas largas, profundas e contínuas, representando antropozoomorfos, ostentando longas armações. Num momento seguinte, figuraram-se bucrânios com ou sem jugo, que oferecem negativos mais pequenos, menos profundos e descontínuos, ocupando posições marginais em relação às imagens antes mencionadas. Estes dois últimos grandes momentos de produção iconográfica podem ser atribuídos ao Neolítico Final ou ao Calcolítico Inicial. Pertencem a um momento ulterior, adições em pré-existências, que fecharam as armações de alguns bucrânios, criando imagens circulares, com pedúnculo reto, possíveis estandartes com simbologia solar, datáveis no Calcolítico Pleno. Em seguida, gravaram-se barras e manchas através de negativos, mais ou menos dispersos. Por fim, surgiram novos conjuntos de levantamentos dispersos, ao que parece utilizando-se ponta romba metálica, com negativos pouco profundos e contornos ovais alongados, do tipo bago de arroz, podendo constituir adições efetuadas em tempos proto-históricos ou mesmo históricos. A rocha 2 guarda apenas pequeno conjunto de filiformes formando reticulado, outro grupo de gravuras daquele mesmo tipo e raros picotados dispersos, apesar de possuir extensa superfície plana, capaz de receber maior número de gravuras.

Palavras-chave: Gravura rupestre; Antropomorfo; Antropozoomorfo; Bucrânio; Anamorfo; Tardo-Neolítico e Calcolítico.

Abstract: Mr. Manuel Joaquim Afonso identified, in May 1995, a surface with rock engravings, which we would catalogue as rock 1 of Namoradas and document, a few days later, along with another that we then identified and is located nearby (rock 2), but having few iconographic manifestations. Rock 1, in addition to filiform engravings, single or forming sets (tracing), which we can attribute to the Upper Palaeolithic, perhaps some of which reproducing body lines of quadrupeds, presents engravings obtained by percussion, where the execution techniques and stratigraphic observations, vertical or horizontal, allow us to recognize five major stages. Thus, large sets of filiforms were engraved, and after schematic figures, constructed from negatives, with a circular or oval outline, constituting wide, deep, and continuous lines, representing anthropozoomorphs, displaying long horns. In a subsequent moment, bucraniums, with or without yoke, appeared that offer smaller, less deep, and discontinuous negatives, occupying marginal positions in relation to the images mentioned above. These last two great moments of iconographic production can be attributed to the Final Neolithic or the Early Chalcolithic. Additions in some pre-existences belong to another moment, which closed the horns of some bucraniums, creating circular images, with a straight peduncle, possible banners with solar symbolism, datable to the Mid Chalcolithic. Then, bars and stains were engraved through negatives, more or less dispersed. Finally, new sets

of dispersed pecks emerged, apparently using a blunt metal point, with shallow negatives and elongated oval contours, of the rice type, which could constitute additions made in proto-historical or even historical times. Rock 2 only contains a small group of filiforms forming a lattice, another group of engravings of the same type and rare scattered peckings, despite having an extensive flat surface, capable of receiving a greater number of engravings.

Keywords: Rock engraving; Anthropomorphic; Anthropozoomorphic; Bucranium; Anamorphic; Late-Neolithic and Chalcolithic.

1. Identificação

A “habilidade” para reconhecer imagens, requer conhecimentos culturais e conceitos iconográficos (Marshack, 1977, pp. 286, 287; Bednarik, 1984, p. 27; Brot, 2005).

O Sr. Manuel Joaquim Rodrigues Menezes Afonso, bom conhecedor dos terrenos da margem direita do rio Côa, a sul da povoação de Urgal, identificou, graças às descobertas de gravuras rupestres que então vinham a ocorrer nas margens daquele rio e em ribeiras afluentes do Douro, no dia 25 de maio de 1995, superfície com gravuras rupestres no sítio denominado Vale das Namoradas. Estas pareceram-lhe semelhantes àquelas outras, pelo que consciente da importância do seu achado, deu-o a conhecer, dois dias depois, aos membros da equipa de prospeção do então denominado Plano Arqueológico do Côa¹, João M. Félix e Manuel F. Almeida. Estes informaram-nos do sucedido no dia 29 daquele mesmo mês, dado então sermos um dos arqueólogos corresponsáveis, com o Dr. A. M. Baptista, pelos estudos e levantamentos da arte rupestre do Vale do Côa. Na mesma data iniciámos o seu reconhecimento, e dada a importância da iconografia pós-paleolítica ali patente, o estudo e levantamento.

Os trabalhos de campo decorreram de 29 a 31 de maio de 1995 e, durante os mesmos, identificou-se a rocha 2, a cerca de 6 m, para noroeste, da rocha 1.

Depois de limparmos os líquenes das duas superfícies com gravuras, desenharam-se os seus perfis, à escala 1:20 e procedeu-se ao decalque das manifestações antrópicas, a par dos contornos, fissuras e outros acidentes daqueles suportes, durante a noite e com luz artificial rasante, sobre plástico polivinílico transparente. Registaram-se as técnicas de execução detetadas, as estratigrafias verticais e horizontais, os diferentes graus de desgaste, entre outros aspe-

¹ Ao surgir a intensa polémica sobre a conservação das gravuras rupestres do Côa, perante o seu desaparecimento sob as águas de barragem já em construção, fui nomeado, em 1995, para documentar e avaliar a importância daqueles testemunhos, pelo Prof. Arq.^{to} Nuno Santos Pinheiro, então presidente do Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico. Tal ficou a dever-se ao facto de ser o único arqueólogo em Portugal que tinha feito estágios em arte rupestre, a expensas do Estado e da Fundação Calouste Gulbenkian, em vários países europeus. A seu pedido, o Dr. A. M. Baptista, passou a integrar a equipa como corresponsável pelos trabalhos.

tos julgados pertinentes. A equipa que procedeu aos levantamentos, dirigida pelos arqueólogos responsáveis, era formada pelos dois colaboradores acima referidos e pelos desenhadores Fernando Barbosa e Cristina Gaspar.

Os levantamentos obtidos no terreno foram passados, a tinta-da-china, para papel vegetal de 110 gr pelo signatário e reduzidos fotograficamente sobre folha de acetato, para a escala 1:5, seguindo metodologia usada na cartografia produzida pelo exército português.

As rochas 1 e 2 de Namoradas constam do primeiro relatório referente aos trabalhos que realizámos no Vale do Côa, entregue e aprovado, em janeiro de 1996, pelo Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico. Na altura também solicitámos à tutela a classificação oficial daqueles testemunhos e a sua proteção, através de zona vedada, mas capaz de receber visitas controladas, assim como a aquisição pelo Estado do terreno onde aquelas se encontram.

O arqueossítio de Namoradas (CNS 32040) foi referido em diversas publicações, desde 1997, tendo M. Reis realizado prospeções na zona envolvente, que haveriam de revelar mais quatro rochas gravadas (Baptista e Gomes, 1997, pp. 214, 215; Baptista, 1999, pp. 19, 162, 163; Baptista e Reis, 2009, pp. 180-182; Reis, 2011, pp. 120-123; 2012, pp. 26, 27, 57, 66, figs 1, 10). Levantamento das gravuras da rocha 1 de Namoradas, de nossa coautoria, foi publicado por H. T. Marques (2013, p. 7). Aquele seria publicado de novo, mas erradamente dado como da autoria de F. Barbosa. No mesmo trabalho apresentam-se outras incorreções como o topónimo e a data da identificação do arqueossítio (Reis e Alves, 2023, pp. 120, 121, 125, 173, 176, fig. 3, mapa 1).

Segundo M. Reis (2012, p. 27, nota 26), as gravuras da rocha 1 de Namoradas terão sido, há alguns anos, vandalizadas.

O presente texto pretende ultrapassar o patamar descritivo, por vezes sintético, das descobertas e dos reportórios rupestres para tentar os caminhos da interpretação, mesmo quando assumidamente subjetivos.

2. Localização e ambiente geográfico

As rochas 1 e 2 do sítio de Namoradas, encontram-se próximas da cauda de pequena linha de água, afluente da margem direita do rio Côa, denominada ribeira do Piçarral, cujo setor terminal é conhecido como Canada do Quintanilha. Esta corre em vale encaixado, entre xistos e grauvaques do Carbónico, contendo filões de quartzo leitoso, e desagua a pouco mais de 3 km da confluência do rio Côa com o rio Douro.

O local que temos vindo a mencionar, situa-se a 1,5 km, para sul da povoação de Urgal e a nor-noroeste de elevação, cujo topo alcança 454 m de altitude e é coroada pelo vértice geodésico São Gabriel. Ele encontra-se a poente do caminho que do aglomerado urbano referido se dirige, na direção sul, para a quinta da Boiça Velha ou, mais adiante, para a ermida de São Gabriel.

Eram proprietários dos terrenos onde se encontram as duas rochas gravadas, em 1995, os Senhores Manuel Joaquim de Sousa e Manuel Joaquim Rodrigues Reis.

A povoação de Urgal, e não Orgal, cujo topónimo parece derivar da denominação popular de espécie florística espontânea, abundante na zona, a urze vermelha (*Erica Australis*, L. 1771), pertence à freguesia de Castelo Melhor, ao concelho de Vila Nova de Foz Côa e ao distrito da Guarda.

As coordenadas geodésicas Gauss, do local onde se conservam as duas rochas são 41.043169, -7.091073 (segundo a Carta Militar de Portugal, folha 141, à escala 1:25000, Serviços Cartográficos do Exército).

O substrato xisto-grauváquico, da zona onde se encontram as duas rochas gravadas, deu origem a terrenos constituídos por sedimentos pobres em nutrientes, sendo aproveitados na agricultura aqueles que se localizam em zonas baixas, mais húmidas e onde os depósitos aráveis são mais espessos.

A ribeira do Piçarral, encontra-se seca a maior parte do ano, embora apresente, próximo das rochas gravadas, pouco extensa cachoeira e, alguns metros adiante, pequena queda de água, acidentes geográficos que podem ter contribuído para a eleição daquele local para cenário das manifestações sócio-religiosas de que as intervenções iconográficas são os únicos testemunhos chegados aos nossos dias.

Na margem esquerda do rio Côa, quase frente à foz da ribeira do Piçarral, encontra-se o muito conhecido sítio, com arte rupestre paleolítica, de Canada do Inferno.

3. Rocha 1

3.1. Suporte

Larga e alta superfície vertical, apresentando contorno subtriangular, dirigida para nascente, pertencente a espesso afloramento monolítico. Oferece cor castanha clara (5YR 4/4)² a castanha escura (5YR 3/3), com algumas manchas avermelhadas (2.5YR 4/4), medindo 2,52 m de altura e 3,20 m de comprimento máximo. Contém, duas grandes fraturas oblíquas, que a subdivide em três painéis; um no lado sul, o central, o mais extenso e nele se registando maior número de gravuras, e o painel norte, bem menor que os dois outros. Também se observam fraturas no seu lado norte, assim como fissuras e áreas de desagregação em toda a superfície. Reconheceram-se, ainda, zonas, na área inferior desta superfície, que sofreram a ação do fogo, possivelmente resultante dos incêndios que, por vezes, ali lavram.

² As identificações cromáticas referem-se às *Munsell Soil Color Charts* (2009) e, portanto, devem-se entender como aproximadas.



3.2. Catálogo

Optámos por primeiramente descrever as gravuras do painel sul, depois as do painel central e, por fim, as situadas no painel norte. Elas foram numeradas sequencialmente, da esquerda para a direita e de cima para baixo.

NAM.1.1 – Barra. Encontra-se representada através de negativos, possuindo contornos circulares e médias dimensões, algo descontínuos, Mede 0,050 m de comprimento.

NAM.1.2 – Linha. Muito descontínua, apresenta picotados com contornos circulares ou ovais, de pequenas dimensões. Mede 0,100 m de comprimento.

NAM.1.3 – Mancha. É constituída por pequeno conjunto de negativos, com contornos circulares e de pequenas dimensões. Mede 0,020 m de diâmetro.

NAM.1.4 – Mancha. Grupo de levantamentos dispersos, possuindo contornos circulares ou ovais, com pequenas e médias dimensões. Mede 0,060 m de comprimento.

NAM.1.5 – Mancha. Conjunto de negativos, com contornos circulares ou ovais, mostrando pequenas e médias dimensões. Ocupa espaço medindo 0,210 m de comprimento por 0,090 m de largura.

NAM.1.6 – Bucrânio. Foi representado em posição oblíqua, com armação semicircular, dirigida para cima e corpo retilíneo, através de negativos possuindo contornos circulares ou ovais, de médias e grandes dimensões, mas descontínuos. Mede 0,150 m de comprimento.

NAM.1.7 – Bucrânio. Foi figurado obliquamente, a partir de levantamentos com contornos circulares ou ovais, de grandes dimensões e descontínuos. Oferece armação semicircular e corpo retilíneo. Mede 0,175 m de comprimento.

NAM.1.8 – Mancha. Pequeno conjunto de levantamentos, com contornos circulares ou ovais, de pequenas dimensões e contínuos. Mede 0,025 m de comprimento.

NAM.1.9 – Bucrânio. Gravado em posição oblíqua, apresenta armação semicircular e corpo retilíneo. Foi figurado a partir de negativos com contornos circulares ou ovais, de grandes dimensões e algo descontínuos. Mede 0,170 m de comprimento.

NAM.1.10 – Semicírculo. Encontra-se representado através de picotados, possuindo contornos circulares ou ovais, com pequenas e médias dimensões, parcialmente muito descontínuos. Mede 0,100 m de diâmetro.

NAM.1.11 – Ângulo. Mostra 90° e apresenta linhas contínuas, produzidas através de levantamentos, com contornos circulares ou ovais, de dimensões médias. Mede 0,050 m no maior lado.

NAM.1.12 – Colubrídeo. Mostra posição quase vertical, corpo com três curvaturas e cabeça subcircular. Foi gravado com negativos de contornos circulares ou ovais, de médias dimensões e algo descontínuos. Mede 0,165 m de comprimento.

NAM.1.13 – Báculo. Figurado algo inclinado, com a extremidade distal dirigida para o lado direito. Foi gravado a partir de negativos, com contornos

circulares ou ovais, de dimensões médias, constituindo linha contínua, larga e profunda. Mede 0,105 m de comprimento.

NAM.1.14 – Ângulo. Apresenta lados com diferentes dimensões, formando ângulo reto. Foi figurado através de picotados, possuindo contornos circulares ou ovais, de pequenas dimensões. O lado maior mede 0,030 m de comprimento.

NAM.1.15 – Barra. Representada a partir de levantamentos, com contornos circulares ou ovais, de pequenas dimensões e descontínuos. Mede 0,065 m de comprimento.

NAM.1.16 – Mancha. Pequeno conjunto de levantamentos dispersos, mostrando contornos circulares e dimensões médias. Mede 0,040 m de diâmetro.

NAM.1.17 – Mancha. Pequeno núcleo de negativos, com contornos circulares ou ovais e pequenas dimensões. Mede 0,015 m de diâmetro.

NAM.1.18 – Bucrânio. Trata-se de esboço fruste, com disposição oblíqua, oferecendo armação semicircular e corpo retilíneo, executado a partir de levantamentos, com contornos circulares ou ovais, de médias dimensões e muito descontínuos. Mede 0,120 m de comprimento.

NAM.1.19 – Linha. Apresenta picotados, com contornos circulares ou ovais, de médias dimensões e descontínuos. Mede 0,140 m de comprimento.

NAM.1.20 – Flecha. Figurada através de curtas incisões filiformes, mede 0,065 m de comprimento.

NAM.1.21 – Traçado. Conjunto de incisões filiformes. Algumas foram sobrepostas por barra (NAM.1.22) e por grande mancha de picotados (NAM.1.24). Ocupa área medindo 0,480 m de comprimento por 0,100 m de largura.

NAM.1.22 – Barra. Foi gravada a partir de levantamentos com contornos circulares ou ovais, de dimensões médias, formando imagem quase contínua. Sobreposição traçado filiforme (NAM.1.21). Mede 0,060 m de comprimento.

NAM.1.23 – Mancha. Pequeno conjunto de negativos dispersos, com contornos circulares ou ovais e de dimensões médias. Mede 0,060 m de diâmetro.

NAM.1.24 – Mancha. Com forma ovalada e grandes dimensões, foi figurada a partir de picotados, com contornos circulares ou ovais, de pequenas e médias dimensões. Sobreposição traçado filiforme (NAM.1.21). Mede, nos seus dois maiores eixos ortogonais, 0,220 m por 0,130 m.

NAM.1.25 – Covinha. Apresenta perímetro de forma subcircular e foi gravada a partir de negativos com contornos circulares ou ovais, de dimensões médias e contínuos. Mede 0,020 m de diâmetro.

NAM.1.26 – Bucrânio com jugo. Apresenta disposição oblíqua, armação semicircular, corpo retilíneo e linha horizontal, perpendicular àquele, no terço superior. Foi gravado através de levantamentos com contornos circulares ou ovais, possuindo médias dimensões e sendo quase contínuos. Mede 0,165 m de comprimento.

NAM.1.27 – Traçado. Grande conjunto de incisões filiformes, horizontais e oblíquas, não constituindo imagens reconhecíveis. Ocupa toda a área medial do painel central e encontra-se sobreposto pela grande maioria das figuras

Estudos
Sobre
Arte
Rupreste

In
memoriam
Andrea
Martins



produzidas por percussão que ali se observam. Mede 0,600 m de comprimento e 0,400 m de largura.

NAM.1.28 – Bucrânio. Apresenta armação semicircular e corpo retilíneo. Foi gravado através de levantamentos, possuindo contornos circulares ou ovais, de médias dimensões e quase contínuos. Esta imagem sobrepõe antropozoomorfo (NAM.1.30) e deu origem a anamorfo (NAM.1.29), quando se transformou a sua armação em círculo e se lhe associou linha reta. Mede 0,225 m de comprimento.

NAM.1.29 – Estandarte. Reutiliza bucrânio (NAM.1.28), parcialmente regravado, a partir de levantamentos, com contornos circulares ou ovais, de médias dimensões e quase contínuos. Sobrepõe a armação e o corpo de antropozoomorfo (NAM.1.30). Mede 0,250 m de comprimento.

NAM.1.30 – Antropozoomorfo. Possui armação de forma semicircular, corpo retilíneo, continuado no sexo, assim como dois pares de membros, arqueados e dirigidos para baixo. Foi figurado através de picotados, com contornos circulares ou ovais, de dimensões médias, enformando linhas largas, pouco profundas e algo descontínuas. Encontra-se sobreposto pela armação e o corpo de bucrânio (NAM.1.28) e por anamorfo (NAM.1.29). Mede 0,250 m de altura.

NAM.1.31 – Antropozoomorfo. Apresenta disposição ligeiramente oblíqua, cabeça, armação semicircular, corpo retilíneo, continuado no sexo e dois pares de membros, arqueados, dirigidos para baixo. Foi gravado com levantamentos possuindo contornos circulares ou ovais, de dimensões médias, constituindo linhas contínuas, largas e profundas. Mede 0,260 m de altura.

NAM.1.32 – Bucrânio. Representado verticalmente, possui armação em forma de V e corpo retilíneo. Mostra linhas contínuas, gravadas através de picotados, com contornos circulares ou ovais, de médias dimensões. Sobrepõe traçado (NAM.1.46) e antropozoomorfo (NAM.1.48), tendo sido transformado em anamorfo (NAM.1.33). Mede 0,125 m de comprimento.

NAM.1.33 – Estandarte. Reutiliza bucrânio (NAM.1.32), a que foi acrescentado semicírculo, na armação, e linha reta. Apresenta negativos possuindo contornos circulares ou ovais, de médias dimensões e contínuos. Sobrepõe traçado (NAM.1.46) e antropozoomorfo (NAM.1.48). Mede 0,280 m de comprimento.

NAM.1.34 – Antropozoomorfo. Figurado na vertical, apresenta armação semicircular, corpo retilíneo, sexo na continuação daquele, e dois pares de membros, arqueados e dirigidos para baixo. Foi gravado através de levantamentos, com contornos circulares ou ovais, de médias dimensões, enformando linhas quase contínuas. Encontra-se sobreposto por anamorfo (NAM.1.39). Mede 0,175 m de altura.

NAM.1.35 – Bucrânio com jugo. Apresenta armação semicircular, corpo retilíneo e linha horizontal, perpendicular ao terço distal. Foi gravado a partir de levantamentos, com contornos circulares ou ovais, de pequenas a médias dimensões e algo descontínuos. Mede 0,140 m de altura.

NAM.1.36 – Semicírculo. Apresenta picotados com contornos circulares ou ovais, de dimensões médias e contínuos. Mede 0,070 m de diâmetro.

NAM.1.37 – Linha. Disposta verticalmente, oferece negativos, com contornos circulares, de dimensões médias e quase contínuos. Mede 0,125 m de comprimento.

NAM.1.38 – Bucrânio. Apresenta armação angular e corpo retilíneo. Foi gravado através de negativos, com contornos circulares ou ovais, de dimensões médias, constituindo linhas contínuas. Sobrepõe antropozoomorfo (NAM.1.49) e foi transformado em anamorfo (NAM.1.39). Mede 0,135 m de comprimento.

NAM.1.39 – Estandarte. Transformou bucrânio (NAM.1.38), através da adição de semicírculo à armação daquele. Foi gravado com negativos de contornos circulares ou ovais, com dimensões médias e contínuos. Sobrepõe bucrânio (NAM.1.38) e dois antropozoomorfos (NAM.1.34 e NAM.1.49). Mede 0,280 m de comprimento.

NAM.1.40 – Barra. Oblíqua, foi gravada a partir de levantamentos com contornos circulares ou ovais, de médias dimensões e contínuos. Sobrepõe esboço de antropozoomorfo (NAM.1.41). Mede 0,050 m de comprimento.

NAM.1.41 – Antropozoomorfo. Trata-se de esboço, algo incompleto, com armação semicircular, corpo retilíneo e dois pares de membros, encontrando-se os superiores dirigidos para baixo. Foi gravado a partir de negativos, com contornos circulares ou ovais, de pequenas dimensões e muito descontínuos. Encontra-se sobreposto por barra (NAM.1.40). Mede 0,220 m de altura.

NAM.1.42 – Linha. Vertical, foi gravada com levantamentos de contornos circulares ou ovais, possuindo dimensões médias e algo descontínuos. Mede 0,120 m de comprimento.

NAM.1.43 – Linha. Oblíqua, é formada por negativos com contornos circulares ou ovais, de médias dimensões e descontínuos. Sobrepõe membro de antropozoomorfo (NAM.1.31). Mede 0,050 m de comprimento.

NAM.1.44 – Linha. Ligeiramente oblíqua, foi constituída por sucessão descontínua de levantamentos, com contornos ovais alongados. Mede 0,085 m de comprimento.

NAM.1.45 – Antropomorfo. Representado através de dois arcos de círculo e de pequena linha ao centro daqueles. Foi gravado a partir de levantamentos com contornos circulares ou ovais, algo descontínuos. Sobrepõe conjunto de filiformes (NAM.1.52) e foi sobreposto por viperídeo (NAM.1.47). Mede 0,095 m de altura.

NAM.1.46 – Traçado. Denso conjunto de incisões filiformes, sub-horizontais, retas e arqueadas. Encontra-se sobreposto por viperídeo (NAM.1.47), bucrânio (NAM.1.32), anamorfo (NAM.1.33) e dois antropozoomorfos (NAM.1.48; NAM.1.49). Ocupa área medindo 0,300 m de comprimento e 0,200 m de largura máxima.

NAM.1.47 – Viperídeo. Mostra três curvaturas, duas delas muito apertadas, conforme é característica destes répteis ao locomoverem-se. Foi gravado através de levantamentos, com contornos circulares ou ovais, de médias a grandes dimensões. Sobrepõe traçado (NAM.1.46), antropomorfo (NAM.1.45) e antropozoomorfo (NAM.1.48). Mede 0,200 m de comprimento.

Estudos
Sobre
Arte
Ruperts

In
memoriam
Andrea
Martins



NAM.1.48 – Antropozoomorfo. Ligeiramente inclinado, mostra armação semicircular, corpo retilíneo, continuado no sexo, e dois pares de membros dirigidos para baixo. Foi gravado a partir de levantamentos, possuindo contornos circulares ou ovais, de pequenas a médias dimensões, constituindo linhas algo descontínuas. Sobre põe traçado (NAM.1.46), encontrando-se sobreposto por bucrânio (NAM.1.32), estandarte (NAM.1.33) e por viperídeo (NAM.1.47). Mede 0,210 de altura.

NAM.1.49 – Antropozoomorfo. Apresenta armação semicircular, algo alongada, corpo retilíneo, continuado no sexo, e dois pares de membros dirigidos para baixo. Foi gravado a partir de negativos, com contornos circulares ou ovais, de pequenas e médias dimensões, mas só parcialmente contínuos. Sobre põe traçado (NAM.1.46), encontrando-se sobreposto por bucrânio (NAM.1.38) e por anamorfo em que aquele foi transformado (NAM.1.39). Mede 0,215 m de altura.

NAM.1.50 – Bucrânio. Mostra armação em forma de V e corpo retilíneo. Figurado através de levantamentos, com contornos circulares ou ovais, de médias dimensões e algo descontínuos, foi transformado em anamorfo (NAM.1.51). Mede 0,150 m de comprimento.

NAM.1.51 – Estandarte. Reutiliza bucrânio (NAM.1.50), fechando-se-lhe a armação através de linha angular, gravada a partir de picotados, com contornos circulares ou ovais, de dimensões médias e contínuos. Mede 0,200 de comprimento.

NAM.1.52 – Traçado. Conjunto de incisões filiformes, verticais ou subverticais. Foi sobreposto por antropomorfo (NAM.1.45). Mede 0,090 m de comprimento.

NAM.1.53 – Traçado. Grupo de gravuras filiformes, oblíquas e sub-paralelas entre si. Foi sobreposto por linha (NAM.1.42), bucrânio (NAM.1.50), anamorfo (NAM.1.51) e antropomorfo (NAM.1.55). Ocupa área medindo 0,150 m de comprimento e 0,060 m de largura máxima.

NAM.1.54 – Barra. Oblíqua, foi gravada a partir de negativos, de contornos circulares ou ovais, com médias dimensões. Sobre põe um dos lados da armação de antropozoomorfo (NAM.1.55). Mede 0,055 m de comprimento.

NAM.1.55 – Antropozoomorfo. Representado verticalmente, mostra armação semicircular, cabeça destacada, corpo retilíneo, continuado no sexo, assim como dois pares de membros, arqueados e dirigidos para baixo. Foi gravado a partir de levantamentos, com contornos circulares ou ovais, de médias dimensões e nem sempre contínuos. Encontra-se sobreposto por barra (NAM.1.54), com a qual talvez se quisesse fechar a armação e sobre põe traçado (NAM.1.53). Mede 0,175 m de altura.

NAM.1.56 – Traçado. Núcleo de incisões filiformes subverticais. Mede 0,090 m de comprimento.

NAM.1.57 – Círculo. Esboço executado com pequenos levantamentos, de contornos circulares ou ovais, muito descontínuos. Sobre põe traçado (NAM.1.46). Mede 0,035 m de diâmetro.

NAM.1.58 – Mancha. Conjunto de picotados dispersos, possuindo contornos circulares ou ovais e médias dimensões. Sobreposição traçado (NAM.1.46). Mede 0,060 m de diâmetro.

NAM.1.59 – Bucrânio. Pouco mais que um esboço, apresenta posição vertical, armação semicircular e corpo retilíneo. Gravado com levantamentos possuindo contornos circulares ou ovais, de pequenas dimensões e descontínuos, foi transformado em estandarte (NAM.1.60). Mede 0,120 m de comprimento.

NAM.1.60 – Estandarte. Reutiliza bucrânio (NAM, 1.59), a que se acrescentou semicírculo à armação. Foi, em parte, gravado com negativos de contornos circulares ou ovais, com pequenas dimensões e descontínuos. Mede 0,170 m de comprimento.

NAM.1.61 – Antropozoomorfo. Esboço, apresenta armação semicircular, corpo retilíneo e sexo na sua continuidade, assim como três pares de membros, encurvados, dirigidos para baixo. Foi representado a partir de negativos com contornos circulares ou ovais, de pequenas e médias dimensões, constituindo linhas muito difusas. Mede 0,200 m de altura.

NAM.1.62 – Báculo (?). Esboço, ligeiramente inclinado, mostra a curvatura distal dirigida para o lado esquerdo. Foi gravado com picotados possuindo contornos circulares ou ovais, com médias dimensões e descontínuos. Mede 0,160 m de comprimento.

NAM.1.63 – Antropozoomorfo. Figurado verticalmente, oferece armação semicircular, corpo retilíneo, continuado no sexo e dois pares de membros dirigidos para baixo. Foi gravado através de negativos, possuindo contornos circulares ou ovais, de dimensões médias, constituindo linhas contínuas, em parte largas e profundas. Mede 0,215 m de altura.

NAM.1.64 – Bucrânio. Algo inclinado, oferece armação semicircular, embora mais curta do lado esquerdo, e corpo retilíneo. Foi gravado com negativos mostrando contornos circulares ou ovais, de médias dimensões, constituindo, no corpo, linha contínua, larga e profunda. Mede 0,190 m de comprimento.

NAM.1.65 – Círculo. Apresenta negativos com contornos circulares ou ovais, de pequenas dimensões e descontínuos. Mede 0,040 m de diâmetro.

NAM.1.66 – Bucrânio. Gravado na vertical, mostra armação angular e corpo retilíneo. Foi produzido com picotados possuindo contornos circulares ou ovais, de médias dimensões e contínuos, enformando linhas largas e profundas. Mede 0,260 de comprimento.

NAM.1.67 – Mancha. Grande conjunto de picotados dispersos, mostrando contornos circulares ou ovais, de pequenas e médias dimensões. Mede 0,700 m de comprimento e 0,300 m de largura máxima.

4. Rocha 2

4.1. Suporte

Superfície subvertical, dirigida para nascente, pertencente a grande afloramento rochoso, possuindo contorno subtriangular. Mede 2,50 m de altura má-

xima e 3,40 m de largura. Apresenta zonas de desagregação, grandes fraturas oblíquas e possui cor castanha avermelhada (2.5YR 3/6 e 2.5YR 4/6).

4.2. Catálogo

NAM.2.1 – Traçado. Quase no topo deste suporte, é constituído por conjunto de curtas linhas paralelas, de tipo filiforme e oblíquas, cruzadas por outras a elas perpendiculares. Mede 0,070 m de comprimento por 0,075 m de largura.

NAM.2.2 – Traçado. Conjunto de linhas filiformes, sub-horizontais e oblíquas. Ocupa área medindo 0,250 m de comprimento e 0,250 m de largura.

NAM.2.3 – Mancha. Grupo de negativos dispersos, possuindo contornos circulares ou ovais e médias dimensões. Mede 0,100 m de diâmetro.

NAM.2.4 – Mancha. Núcleo de levantamentos dispersos, com contornos circulares ou ovais e dimensões médias. Mede 0,090 m de diâmetro.

5. Técnicas de representação

As duas superfícies de Namoradas apresentam gravuras que recorreram a duas técnicas muito distintas. Uma respeita à incisão de linhas muito finas ou filiformes, para o que se utilizou ponta afiada, lítica ou metálica, enquanto a outra é constituída por sucessões de negativos, levantamentos ou picotados, obtidos através da percussão, direta ou indireta, esta quando o artefacto incisor é atuado por percutor, de artefactos líticos ou metálicos. Através da percussão indireta obtém-se maior certeza em atingir o local pretendido e controla-se melhor a força a aplicar. Devem-se ao estado da extremidade do artefacto incisor e ao ângulo, mais ou menos inclinado, com que foi acionado, as formas dos contornos dos negativos.

Nas rochas de Namoradas, além de conjuntos de gravuras filiformes, a que chamámos traçados, não constituindo imagens reconhecíveis, e integrando os denominados psicogramas ou descargas de energia derivadas de emoções, a grande maioria das gravuras foi obtida por percussão, utilizando incisores líticos de ocasião, certamente seixos de rochas resistentes, como o quartzito e o quartzo, onde se afeçoaram, por lascagem, pontas capazes de atacar as superfícies rochosas. Não raro, encontram-se estes utensílios nos sedimentos existentes junto às rochas gravadas. Além da utilização de artefactos líticos, alguns conjuntos de negativos, ou até negativos dispersos da rocha 1 de Namoradas, mostrando forma oval alongada, comumente chamada do tipo bago de arroz, resultam do uso de artefactos metálicos, talvez de bronze e sobretudo de ferro.

A análise das gravuras agora estudadas indica que, pelo menos algumas delas, foram previamente esboçadas, a partir de negativos com pequenas dimensões e descontínuos, sendo depois gravadas, com negativos de maiores dimensões e contínuos, dando maior visibilidade ao que se desejou representar. Todavia, alguns esboços não deram origem a imagens mais visíveis.

Detetámos aspeto curioso, devido ao modo como os humanos captam as imagens e que respeita ao facto de em três antropomorfos (NAM.1.49; NAM.1.55; NAM.1.63) o lado esquerdo de cada um deles se encontrar mais bem gravado, mais nítido e aprofundado que o lado oposto. Trata-se, possivelmente, de resultado devido à organização do sistema neurológico dos humanos, possuindo especialização lateral dos hemisférios cerebrais, o que provoca assimetria perceptual, do tipo esquerda-direita. Nos indivíduos destros, as principais funções verbais residem no córtex esquerdo e, no oposto, as tarefas visuais, como o reconhecimento de lugares, pessoas e coisas, pelo que a leitura da informação se faz da esquerda para a direita. Muitas obras de arte, sagradas e profanas, mostram os aspetos simbólicos mais significativos no seu lado direito (Levy, 1976, pp. 432, 433, 436). Recordemos, ainda, que os nossos membros direitos são, em geral, mais fortes que os seus pares.

Conforme registámos, no catálogo de imagens gravadas, existem diversos casos de reutilização de imagens pré-existent, gravando sobre elas ou adicionando elementos e transformando atributos. Trata-se de fenómeno recorrente na arte rupestre, que também acontece em artes de períodos ulteriores, devido à importância do sítio ou ao carácter mágico-religioso reconhecido em imagens antigas, conduzindo a reinterpretações e à integração em novas leituras e em novos discursos iconográficos.

6. As formas

A identificação de imagens gravadas, sejam elas reconhecíveis ou com protótipos na realidade, ou não identificáveis, como as formas abstratas, constitui a primeira etapa dos estudos em arte rupestre. Desde logo importa identificar claramente as representações que temos perante nós, reconhecê-las na sua totalidade, atributos e especificidades, onde o pormenor faz a diferença. Assim, decalques esquemáticos, de pinturas ou de gravuras rupestres, acabam por não servirem para nada, em termos interpretativos, dando apenas lugar a mais um ponto no mapa da distribuição de sítios e de motivos tidos como semelhantes.

Todavia, identificar uma imagem não é reconhecer, no caso dos zoomorfos, a espécie a que pertence ou qualquer outra coisa representada, mas sim perceber a totalidade dos seus atributos e as relações que tem com o suporte, as suas dimensões, os seus acidentes e com outras imagens. A classificação surgirá depois, importando não tomar como coelhos o que são cabras, confundindo orelhas com cornos, como vi em dissertação de doutoramento de agora autodenominada especialista em arte rupestre.

Antropomorfo. Apenas uma das figuras da rocha 1 de Namoradas foi identificada como antropomorfo esquemático, apesar da sua gravação pouco nítida (NAM.1.45). Conforme a descrevemos, reconhecemos dois arcos de círculo, unidos por um dos topos, e septo central, bifurcado na extremidade distal

Estudos
Sobre
Arte
Ruprestre

In
memoriam
Andrea
Martins



onde se une aos arcos mencionados. Esta imagem, que sobrepõe conjunto de filiformes (NAM.1.52), foi parcialmente sobreposta por representação de víperideo (NAM.1.47), cuja técnica de realização é semelhante, podendo os dois registos serem não só contemporâneos, como constituírem composição, importante aspeto que adiante retomaremos.

Trata-se de variante esquemática da iconografia antropomórfica, correspondente à forma a que H. Breuil denominou “cabeça de coruja”, possuindo contorno semicircular e linha vertical ao centro, que representaria o nariz, por vezes encontrando-se rodeado pelos dois olhos, embora possa também figurar o corpo e os dois membros superiores de antropomorfo.

Estudámos mais de duas dezenas de gravuras afins no complexo de arte rupestre do Vale do Tejo (Gomes, 2010, p. 207), onde, em Gardete (rocha 12), integram a forma mais evoluída da série de antropomorfos esquemáticos que rodeiam esteliforme (Gomes, 2010, vol. III, pp. 68, 69). Dois outros antropomorfos, do mesmo tipo, formam par, na rocha 11 daquele arqueossítio (Gomes, 2004, pp. 95, 96, fig. 9), associação que também encontramos na arte esquemática dos abrigos com pinturas do sul da Península Ibérica, nomeadamente em Puerto de Las Gradass (Serra de Cordoneros) e na Serra de San Servan (Almadén) (Breuil, 1933a, ests V, XXXIII).

Representação do mesmo tipo, mas possuindo olhos em relevo, encontra-se em estela, reutilizada como esteio (L21) do corredor do monumental dólmen de Soto (Trigueros, Huelva), sendo anterior ou contemporânea daquela edificação funerária, atribuída ao Neolítico Final (Obermaier, 1924, p. 14, est. V-B).

Consideramos pertinentes os paralelos com par de gravuras, ainda do mesmo tipo, existentes em esteio da entrada do túmulo do tipo *tholos* de Nora Velha (Ourique), tal como com outras do monumento de Vega del Guadancil I (Garrovillas, Cáceres), exibindo contornos arqueados ou angulares (Twohig, 1981, fig. 58; Bueno Ramírez e Balbín Behrmann, 2000, p. 349, fig. 3).

Antropozoomorfo. Classificámos, na rocha 1 de Namoradas, como pertencendo a esta forma, nove imagens, denominação que veicula os conceitos de hibridismo e de simbiose, entre antropomorfo e zoomorfo, talvez entre homem e animal, mesmo no contexto da arte esquemática. Assim, figuras afins, também por vezes designadas teriantropos, gravadas ou pintadas, têm vindo a ter tal designação, embora sejam, mais comumente, chamadas apenas antropomorfos ou antropomorfos itifálicos, com capacetes de cornos, tal como antropomorfos de cornos, designações que importa afastar.

Não descartamos, liminarmente, a existência naqueles de alusão propositada ao antropomorfismo esquemático, mas também a provocada simbiose com o zoomorfismo dos bóvidos com armações longas, tornando evidente a polissemia do símbolo. Não obstante, podemos considerar tais imagens apenas como zoomorfos esquemáticos, figurando bóvidos vistos de cima ou em perspetiva aérea. O que seria a representação do sexo, exageradamente

itifálico, seria agora interpretado como a longa cauda daqueles quadrúpedes. Concorde a favor desta interpretação as esquematizações de bóvidos ulteriores àquelas, no mesmo suporte, os bucrânios com o que interpretamos como jugos, ou os bucrânios na sua expressão mais simples, alguns dos quais transformados em imagens descaracterizadas de atributos definidores e que classificamos como estandartes.

Um dos antropozoomorfos (NAM.1.61), apenas esboçado, apresenta três pares de membros, o que o aproxima dos homens-pinheiros ou dos antropomorfos ramiformes, de H. Breuil.

No difícil mundo dos símbolos e da concetualidade, não podemos esquecer a existência, em muito recuadas matrizes do pensamento transcendente, os homens-bovídeos, já presentes no Paleolítico Superior (Gruta Chauvet e Gruta Le Gabillou, França), nas pinturas holocénicas da arte levantina ibérica (Racó Molero ou El Cingle de la Mola Remigia, Ares de Maestre, Castellón), dos abrigos com arte esquemática pintada do Ocidente Peninsular (Majadilla de la Torres em Batuecas, Puerto de Malas Cabras ou da Sierra Grajera, Bada-joz) (Breuil, 1933, p. 23, fig. 15.5, est. XX), nas gravuras do Vale do Tejo (F 175.1; CHVM 6.28) ou na mitologia mesopotâmica onde, na Babilónia, se representaram homens-touros, que simbolizavam o deus-Sol (Black e Green, 1992, p. 48). Também imagens sírias e fenícias do deus Baal-Hadad, mostram corpo antropomórfico e cabeça taurina, tal como ocorria com o terrível Minotauro (Gray, 1986, p. 70). Aliás, o touro constituiu o animal sacrificial, por excelência, do mundo indo-europeu.

O corpo humano e as suas imagens importam à criação do conhecimento simbólico e estruturado, ou ontológico, apresentando inesgotável variedade (Focillon, 1983, p. 10; Kohring, 2014, p. 248).

O antropomorfismo traduz humanidade, ou condição social diferente da animalidade, constituindo referência para todos os seres da natureza, onde a essência do homem é verdadeiramente a sua humanidade (Durkheim e Mauss, 1903, p. 26; Descola, 1986, p. 120).

Bucrânio com jugo (NAM.1.26 e NAM.1.35). Trata-se de imagens que ainda podem querer traduzir conceito semelhante ao dos antropozoomorfos, embora mais esquemáticas, onde o traço perpendicular ao corpo, no seu terço distal, tanto poderá representar os membros superiores de antropomorfo ou jugo. Conhecemos paralelos para este símbolo em pinturas dos abrigos do sul da Península Ibérica, não deixando de sugerir constituir evolução, no sentido da maior síntese, da forma que designamos antropozoomórfica.

Bucrânio. Bem conhecidos na arte rupestre holocénica europeia, correspondem a sintetização iconográfica que reconhecemos pela primeira vez na Península Ibérica, na arte rupestre do Vale do Tejo, dadas as semelhanças óbvias com os muito difundidos bucrânios do Monte Bego, nos Alpes Marítimos Franceses, mas que também haveríamos de estudar no Valcamónica (Alpes

Estudos
Sobre
Arte
Rupreste

In
memoriam
Andrea
Martins



Italianos), Escandinávia, no monumento megalítico de Züschen (Alemanha) (Anati e Gomes, 2013) e, ulteriormente no Santuário Exterior do Escoural (Montemor-o-Novo) (Gomes, Gomes e Santos, 1983; 1994; Gomes, 1991). Eles também foram por nós identificados na arte esquemática dos abrigos peninsulares, onde vinham sendo classificados como antropomorfos sem braços (Breuil, 1933a, p. 78, fig. 25, est. V). Apesar da relutância de A. M. Baptista em admitir a presença de bucrânios na arte rupestre encontrada em Portugal, situação que igualmente aconteceu com outras formas que desconhecia, como os podomorfos, o mesmo teria de aceitar aquela realidade nas gravuras que estudou no Guadiana (Baptista e Santos, 2013, pp. 122, 139, 178, figs 111, 122, 127, 138, 196).

Os bucrânios da rocha 1 de Namoradas surgem em localizações marginais em relação ao seu painel central ou sobrepondo imagens deste. Eles mostram armações semicirculares, em forma de V ou angulares, o que também ocorre no Santuário Exterior do Escoural, onde tais morfologias auferem de valor cronológico.

Estandarte. Esta categoria de imagens, cuja denominação é discutível, nasceu da transformação das armações de alguns bucrânios em círculos ou em figuras aparentadas com estes. Tal alteração ocorreu através da adição de segmentos curvos, que unem as extremidades das armações daqueles.

Contámos nove destas imagens, que sobrepõem outras pré-existentes, pelo que evidenciam ser mais tardias.

Os círculos são, entre outras coisas, símbolos astrais, nomeadamente do Sol, como demonstrou o seu estudo na arte rupestre do Vale do Tejo (Gomes, 2010, pp. 380-382, 455-467), possuindo longa tradição na Europa, a partir do Holocénico, com as sociedades produtoras de alimentos, e nomeadamente no Mediterrâneo Oriental, onde ocorreu a criação de dinastias de divindades solares.

Foi no complexo rupestre tagano que, pela primeira vez, observámos bucrânios transformados pela adição de linhas que lhes fechavam as armações (SS 71^{1.15}; AL 52.5; F 86.3), assim como círculos ou ovais, associados a segmento reto ou curvo. Estas novas imagens sugeriram-nos algo amorfo, porque desprovidas de outros atributos, não fora o segmento que sugeria uma cauda. Mais tarde, fomos confrontados com três imagens do menir 64 do Cromeleque dos Almendres (Gomes, 1997, p. 29) e duas do Monte de Goios, rocha 69 de Bouça Velha e rocha 96 de Cruzeiro Velho, em Lanhelas (Gomes, 2020, pp. 576, 588, 590, figs 3 e 5), onde círculos assentam numa espécie de suporte ou cabo largo, que interpretámos como estandartes solares ou simplesmente representações solares, conforme paralelos observados em gravuras rupestres e estelas do Valtellina, no norte de Itália (Anati, 1968, pp. 44, 45, 116, 118, 129, 131, figs 16, 17, 60, 61, 66, 72).

As ações de transformação de bucrânios em sóis pedunculados, ou estandartes solares, ficou a dever-se ao que podemos denominar a solarização

daqueles símbolos zoomórficos, ocorrida devido a enorme difusão da importância religiosa do Sol. Esta estrela foi copiosamente representada nas epifânias da deusa-mãe mediterrânea, de olhos solares, durante o Calcolítico Pleno no Ocidente Peninsular, divindade suprema que substituiu os antigos mitos, divindades e cultos, ligados à terra e às forças ingénitas da natureza.

Colubrídeo/viperídeo. “*Habitantes simbólicos do inconsciente colectivo*” (Jung, 1974, p. 154), as serpentes, colubrídeos e em menor número os viperídeos, possuem larga representação nos acervos iconográficos rupestres da quase totalidade das sociedades humanas pretéritas, de todos os continentes, encontrando-se conotadas com o transcendente. Na Europa, tais imagens ascendem, pelo menos, aos inícios do Paleolítico Superior (La Baume Latrone, Rouffignac), mas seria a partir dos primeiros tempos neolíticos, com economia de produção e o trabalho da terra, que aquelas passaram a ser mais figuradas, algumas vezes muito esquematicamente e outras de modo mais realista. Elas serão até, os zoomorfos mais representados na Península Ibérica, integrando narrativas diversas, mitos, fábulas e crenças, constituindo metáforas para a fertilidade e o ciclo de morte e ressurreição da natureza, situando-se na génese do Universo.

Na arte rupestre do Vale do Tejo, cerca de sete dezenas de imagens foram classificadas como serpentes, somando 30% dos zoomorfos identificados. Todavia, somente cinco foram interpretadas como viperídeos, dada a forma da cabeça triangular, curta e larga, com a extremidade plana, e as curvas apertadas dos movimentos laterais de quando aqueles se deslocam. Os seus comprimentos são menores que os dos colubrídeos, variando estes entre 0,20 m e mais de 1,00 m, podendo ser datados do Neolítico à Idade do Bronze Final. E foi, ainda, naquele complexo rupestre que pudemos reconhecer associações entre antropomorfos, semi-naturalistas ou esquemáticos, e serpentes, que representam mitos integrados nas chamadas tifonomaquias, adiante referidas.

Báculo. Representação de artefacto, o único patente nas duas rochas de Namoradas. Um deles identifica-se com nitidez (NAM.1.13), destacando-se no lado sul do suporte, onde as gravuras são escassas. O outro (NAM.1.62) não passa de esboço, onde a curvatura se encontra muito incompleta, podendo-se, até, duvidar da classificação feita.

Aquelas imagens, em forma de bengala, possuem corpo longo e estreito, com a extremidades distal semicircular, medindo esta, pelo menos, cerca de um terço do seu comprimento total. Elas assemelham-se a mais de uma dezena de gravuras da arte rupestre do Vale do Tejo (São Simão; Alagadouro; Cachão do Algarve; Ficalho; Fratel; Gardete), medindo entre 0,075 m e 0,150 m de comprimento (Gomes, 2004, pp. 106, 108; 2010, pp. 329-337). Também na arte rupestre do Guadiana (Molino Manzánéz), foram reconhecidas oito imagens de báculos, com distintas variantes formais (Collado Giraldo, 2006, p. 414).

Estudos
Sobre
Arte
Ruprestre

In
memoriam
Andrea
Martins



Os báculos encontram-se bem representados, através de falso-relevo ou gravados, em monumentos de carácter ritual, como menires, estelas-menires e estátuas-menires. O menir 3 do alinhamento de Vilarinha (São Bartolomeu de Messines, Silves), mostra numa segunda fase iconográfica, três báculos gravados, a par de possível machado e de paus de caçar (Gomes, 2008, pp. 61-64, figs 7 e 8). Identificaram-se muitas outras imagens de báculos, que utilizaram as mesmas técnicas de representação, em menires e estátuas-menires da região de Évora, nomeadamente do Cromeleque dos Almendres (Évora) (m.48, m.57, m.76, m.94), do Cromeleque da Portela de Mogos (Évora) (m.1; m.31), Cromeleque de Vale Maria do Meio (Évora), Cromeleque do Xarez (m.37) (Reguengos de Monsaraz), no menir da Bulhoa (Reguengos de Monsaraz), menir 1 de Perdigões (Reguengos de Monsaraz), estela-menir do Barrocal (Reguengos de Monsaraz) e menir de Vale de Rodrigo (Évora) (Gomes, 2002a, pp. 76, 77, 139; 2003, pp. 353-378; 2007, pp. 50, 55, 64, 68).

Nas Astúrias, o abrigo conhecido como Peña Tú (Llanes), mostra antropomorfo esquemático associado a báculo, ambos pintados de cor vermelha (Hernández Pacheco, Cabré e Vega del Sella, 1914, est. II; Breuil, 1933, pp. 39-42, fig. 23, 24). Também se identificaram numerosas imagens de báculos, pintadas, em abrigos do Sul da Península Ibérica (La Tabernera, Serra Morena; Peñon Anarillo, Serra Morena; La Silla, Badajoz; El Estanislado, Badajoz; La Cimbarra, Jaén; Cueva del Mediodía del Arabi, Murcia) (Breuil, 1933; 1933a; 1935; Gomes, 1983, pp. 394-396; Gomes, 2002a, pp. 138-149).

Círculo/semicírculo. Registaram-se dois esboços de círculos (NAM.1.57; NAM.1.65) e três semicírculos (NAM.1.10; NAM.1.11; NAM.1.36), no repertório iconográfico da rocha 1 de Namoradas. Eles podem querer representar armações de bovídeos, círculos solares ou ambas coisas. Um dos círculos (NAM.1.57) ocupa área situada entre dois antropozoomorfos. Círculos e círculos com ponto central, podem ser vistos nas faces de alguns menires, mas quase sempre foram gravados quando estes se encontravam derrubados.

Barra. São curtos segmentos de reta, normalmente com disposição vertical, podendo corresponder a representações antropomórficas. A curta linha representa a cabeça, torso, abdómen e, possivelmente, o sexo. Tivemos oportunidade, aquando do estudo das gravuras do complexo de arte rupestre do Vale do Tejo, de identificar diversas destas figuras, no limite da esquematização, alguns em forma de barra ou de alfinetes, por mostrarem pequeno estrangulamento distal, covinha ou círculo, indicando a cabeça. Trata-se de morfologia larvar, cuja identificação como antropomorfos só foi possível graças às suas associações recorrentes a antropomorfos esquemáticos.

Linha. Sucessão de levantamentos, mais ou menos contínuos e densos, podendo desenhar segmento de reta ou de curva e sendo facilmente captada pelos sistemas visual e neural (Kennedy e Silver, 1974, p. 313).

Mancha. São conjuntos de negativos, mais ou menos dispersos, que ocupam áreas de diferentes dimensões. Grande mancha, situada no topo do painel central da rocha 1, apresenta contorno oval, com duas escotaduras opostas, uma em cada um dos lados maiores. Esta forma recorda alguns idoliformes, nomeadamente do tipo El Garcel (Almagro Gorbea, 1973, pp. 28-30), podendo não integrar a categoria de psicograma, ou seja, de gravação provocada por estado de espírito emotivo e que conduziu à descarga de energia que a produziu e representar *eidolon*, ou duplo fantasmático, imagem terrena de ser sobrenatural, divindade ou antepassado ancestral, mesmo primordial, dada a sua indefinição anatômica. Sepulturas escavadas no solo (21%), que escavámos na aldeia de Castelo Belinho (Portimão), datadas no Neolítico Antigo/Médio possuíam contornos com aquela forma, talvez de embrião humano, dada a sua vaga conotação antropomórfica (Gomes, 2021, pp. 93, 94).

Traçado. Aglomerado, muito ou pouco denso, de linhas incisas filiformes, sub-paralelas, dispostas horizontalmente, na vertical ou cruzadas. Integram os chamados psicogramas, ou seja, intervenções gráficas anicónicas ou não representacionais, que constituem a face escondida e esquecida da arte pré-histórica, tanto paleolítica como pós-paleolítica. Elas não expressam intenções precisas, pelo que H. Breuil (1952, p. 253) considerou-as parasitas (Lorblanchet, 1993, p. 241; Clottes e Lewis-Williams, 1996, p. 47), embora indiquem participação gráfica resultante de gestos humanos, resultantes de descargas de energia em estados emocionais. Talvez reflitam processos rituais, cujo significado desconhecemos, mas que podem traduzir a tentativa de comunicação com o que se acreditaria encontrar no interior das rochas ou para além das suas superfícies.

Tabela 1 – Gravuras da rocha 1 de Namoradas, a maioria das quais com atribuição temporal.

	PI	PIIA	PIIB	PIIC	PIID	PIII	PIV	PV	P?	total	%
Flecha	1									1	1,49
Traçado	6									6	8,96
Antropomorfo								1		1	1,49
Antropozoomorfo		1	2	4	2					9	13,42
Bucrânio com jugo						2				2	2,99
Bucrânio							11			11	16,42
Estandarte								5		5	7,46
Barra									5	5	7,46
Colubrídeo / Viperídeo								2		2	2,99
Báculo								2		2	2,99
Linha									6	6	8,96
Ângulo									2	2	2,99
Círculo								2		2	2,99
Semicírculo								1	1	2	2,99
Covinha									1	1	1,49
Mancha								1	9	10	14,92
Total	7	1	2	4	2	2	11	14	24	67	100
%	10,45	1,49	2,99	5,97	2,99	2,99	16,42	20,89	35,81	100	

7. Estilo

Embora alguns posicionamentos teóricos tenham proposto uma era pós-estilística para os estudos da arte rupestre europeia, o conceito de estilo, como conjunto de características formais e técnicas que refletem a experiência de um grupo humano num espaço e tempo precisos, não soçobrou. De facto, aquela muito útil unidade analítica, objeto de investigação diversificada, deve ser entendida a partir de dois níveis: um considerado coletivo, próprio de diferentes sociedades humanas, e o outro individual, cunhado pelo autor, refletindo o seu meio social, competências e idiossincrasias. Todavia, ambos níveis resultam de causas e motivações sociais, psicológicas ou indeterminadas (Ackermam, 1978, p. 155; Schapiro, 1994, p. 51).

Elementos constantes, aspetos seletivos e convencionalismos, derivados de conceitos diversos, definem os estilos, conceptualizados a nível social, possuindo códigos, expressos nos objetos ou nas imagens criadas. As diferenças estilísticas são, em grande parte, resultantes dos comportamentos simbólicos e devem ser entendidas como derivadas da “*ideologia imagética*”, proposta por N. Hadjinicolaou (1973, p. 108) ou seguindo-se K. Marx, para quem a produção artística era um produto ideológico, formado pelos “*interesses de classe*” (Serrão, 1990, p. 302). Não obstante, importa recordar que também existe um contributo biológico ou ambiental que em muito influenciou a arte rupestre, na localização, formas, dimensões e outras características dos suportes, nos comportamentos dos animais figurados, de como os humanos os compreenderam ou se representaram a eles próprios.

Segundo E. Anati (2010, p. 7), o estilo nas artes visuais constitui expressão do processo intelectual, mas também serve para definir culturas. E o mesmo autor escreveria que a arte pré e proto-histórica é o “*espelho da mente e do espírito*”, constituindo “*registo precioso da matriz concetual e psicológica dos antigos humanos*” (Anati, 1999, p. 125).

Conforme consta no título do presente texto, classificámos como arte esquemática a grande maioria das gravuras das rochas de Namoradas. O esquematismo, já presente desde, pelo menos, os inícios da arte do Paleolítico Superior, não deve ser entendido como degeneração ou decadência do naturalismo ou seminaturalismo, ambos próximos do realismo visual, nem como resultado da falta de habilidade artística. Ele corresponde a conceito figurativo diferente daqueles, onde era importante reproduzir o realismo formal ou ótico, embora não sem convencionalismos estilísticos.

Na arte esquemática as representações de seres vivos, objetos ou de construções, são reduzidas às formas características e essenciais, as chamadas “formas puras”. São imagens sintéticas, privadas de volumetria e de detalhes, uma espécie de condensação formal das partes vitais, ou traços essenciais, conservando apenas os elementos considerados significantes, permitindo o reconhecimento da sua existência. Aquelas correspondem ao conceito de carácter essencial ou *genus* das coisas, como lhe chamou Aristóteles na *Physics*. Todavia,

imagens esquemáticas, antropomórficas ou zoomórficas, podem conter detalhes naturalistas, nomeadamente as representações das armações ou do sexo, conforme ocorre nos antropozoomorfos de Namoradas 1.

A ausência de detalhes no esquematismo, não eliminou o poder essencial das imagens, porque assim foi possível enfatizar o que nelas era mais importante, resultando em seleção pertinente (Lorblanchet, 1977, pp. 47-49). As representações de bucrânios demonstram este tipo de pensamento, reduzidos pelo esquematismo extremo, onde se observam apenas a armação e o corpo, respetivamente um semicírculo e segmento de reta.

O consagrado artista minimalista americano Robert Morris, declarou que a *“simplicidade de formas não é necessariamente simplicidade de experiência”*. Pode haver pouco para ver em tais imagens, mas nelas existe *“muito para ser compreendido”* (Marzona, 2009, p. 78).

As neurociências concluíram que a arte figurativa provoca níveis mais baixos de perceção, que a arte com formas esquemáticas, porque quase somente dependem de construção intelectual e de formas de idealização. Talvez por isso o esquematismo terá sido a melhor opção para representar, nas sociedades pretéritas distantes, seres do mundo espiritual (Lommel, 1967, p. 149). E os crentes de uma das maiores religiões do mundo, o Islão, concetualizam a presença divina num espaço vazio.

A simetria bilateral de imagens, onde o corpo se encontra reduzido a linha, ou eixo vertical, que observamos nos antropozoomorfos e em outras imagens gravadas de Namoradas, faz com que aquelas sejam bem reconhecidas pelo sistema humano de perceção. Elas provocam atração e são mais facilmente recordadas, caso fossem assimétricas.

H. Breuil (1935, p. 150), referindo-se à arte esquemática, escreveria: *“Estes símbolos, que ainda não são escritos, mas que a ela conduzem, não são tão mudos quanto os painéis escritos de uma língua que desconhecemos (...)”*.

8. Estratigrafias

Este importante elemento de análise, nas suas duas componentes, vertical e horizontal, inicialmente haurido da geologia, tem proporcionado informações incontornáveis na construção do conhecimento arqueológico, nele assentando as bases desta disciplina. A evolução das sociedades humanas, tanto sob o aspeto anatómico, como das suas materialidades ou do seu próprio pensamento e o estabelecimento das diacronias que as situam no tempo, seriam impossíveis sem a estratigrafia.

Também os estudos de arte rupestre não podem deixar de recorrer a tão imprescindível meio de conhecimento, que permite detetar associações, propostas ou casuais, e composições capazes de contribuir para abordarmos alguns dos significados das imagens observadas. Não obstante, nos últimos anos tem-se verificado algum abandono daquele contributo, o que tem

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



conduzido a conclusões não demonstradas, superficiais e até aberrantes, fazendo a investigação recuar mais de meio século.

Registámos, na rocha 1 de Namoradas, vinte e sete relações estratigráficas verticais, envolvendo trinta imagens distintas. A maioria destas foi sobreposta somente por outra imagem, constituindo exceção, grande traçado (NAM.1.46), que foi sobreposto por sete figuras.

A análise da estratigrafia vertical indica que os antropozoomorfos foram as imagens a terem sido gravadas depois dos traçados filiformes, sobrepondo-se àqueles três bucrânios e, mais tarde, quatro estandartes solares, que também se sobrepõem a três bucrânios.

Uma barra (NAM.1.54) sobrepôs antropozoomorfo (NAM.1.55).

Apenas os bucrânios com jugo não integram qualquer relação estratigráfica, embora dada a sua morfologia e localização, possamos atribuí-los a momento situado entre a produção dos antropozoomorfos e a dos bucrânios.

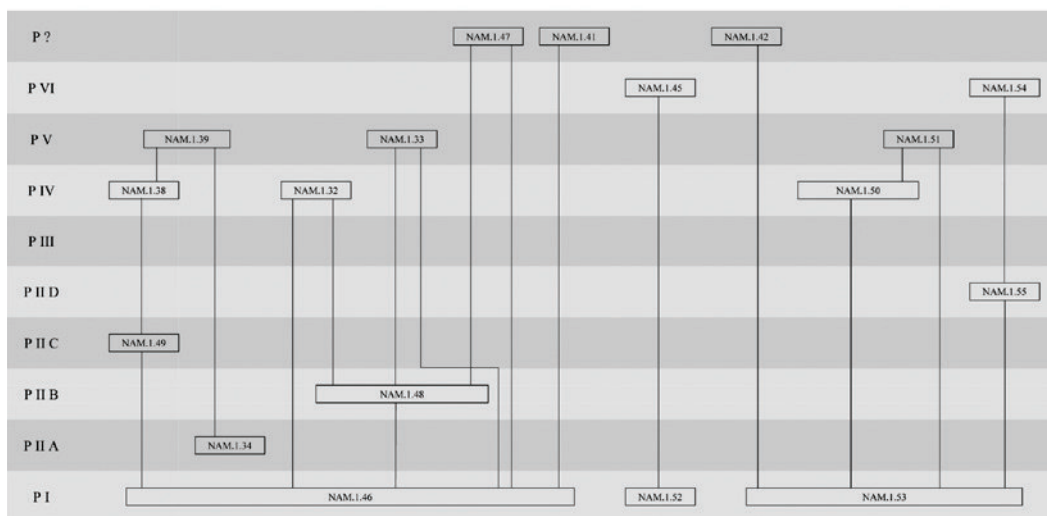
A análise estratigráfica permitiu considerar, pelo menos, os seguintes cinco períodos de produção iconográfica: traçados filiformes (PI), antropozoomorfos (PIIA-D), bucrânios com jugo (PIII), bucrânios (PIV), estandartes (PV). Barras e outros motivos não puderam ser cronologicamente classificados. O período II mostra quatro momentos distintos.

No respeitante às estratigrafias horizontais, ou associações, verificou-se que após a gravação dos traçados filiformes, o centro da superfície da rocha 1 de Namoradas, recebeu a imagem de grande antropozoomorfo (NAM.1.31). Num momento seguinte, ter-se-ão associado àquele, dois outros antropozoomorfos, um a cada lado (NAM.1.30; NAM.1.34). Mais tarde, foi figurado par de antropozoomorfos (NAM.1.48; NAM.1.49) abaixo dos anteriormente mencionados, assim como três outros, em posições marginais em relação a todos aqueles (NAM.1.41; NAM.1.55; NAM.1.63). Na área proximal do mesmo painel esboçou-se antropozoomorfo (NAM.1.61), possuindo três pares de membros, quase horizontais, constituindo caso singular no reportório iconográfico desta rocha.

Abaixo do antropozoomorfo mais antigo, no centro da maior concentração de imagens, gravou-se antropomorfo, do tipo “cabeça de coruja” (NAM.1.45) e viperídeo (NAM.1.47) (NAM.1.47) que lhe foi associado.

Ocupam posições marginais, em relação aos antropozoomorfos, os bucrânios, com ou sem jugo. Grande mancha de levantamentos, possuindo contorno oval (NAM.1.24), encontra-se gravada no topo deste setor do suporte. Também a zona superior do setor sul desta superfície, apresenta mancha de negativos, embora de contorno mal definido (NAM.1.5).

Tanto a representação de báculo (NAM.1.13), como colubrídeo que se encontra próximo (NAM.1.12), ambos gravados com negativos contínuos, constituindo linhas com contornos bem definidos, estão situados longe do intrincado palimpsesto de sobreposições do setor central, sugerindo diferente realização e narrativa, onde o símbolo de autoridade do mundo social se confronta com o símbolo, por excelência, do caos.



As figuras que classificámos como antropozoomorfos, ou seja, conceptualizações esquemáticas, aludindo à imagem humana, mas nelas também se reconhecendo claras características bovinas, conforme antes mencionámos, constituem a principal expressão gráfica holocénica da rocha 1 de Namoradas.

Aquela iconografia não era desconhecida no complexo rupestre do Côa-Douro pois, em 1982, A. M. Baptista tinha realizado o levantamento e descrição, muito sintética, de imagens congêneres. Trata-se das três figuras, gravadas através de picotagem, da rocha 11 e uma da rocha 28, do Vale da Casa, situado na margem esquerda do rio Douro, e desde então submersas pelas águas da albufeira da barragem do Pocinho. Aquele arqueólogo, chamou primeiramente a tais imagens “*representações de bovídeos (bucrânios) estilizadas*” (Baptista, 1983, p. 67) e mais tarde antropomorfos, que haveria de pôr em paralelo com imagem, da rocha 1 de Namoradas. Esta foi erradamente descrita como “*Antropomorfo esquemático com capacete de cornos*”, embora não deixando de notar as suas afinidades com bucrânios e de a atribuir, sem quaisquer argumentos, ao Calcolítico ou à Idade do Bronze Antigo (Baptista, 1999, pp. 162-165; Reis e Alves, 2020, p. 163).

Importa dizer que, pelo menos, três dos antropozoomorfos do Vale da Casa, apresentam armações com contornos liriformes, o que não ocorre em Namoradas, e que dois daqueles possuem par de olhos punctiformes, dispostos a cada um dos lados da pequena linha que representa a cabeça. As longas armações arrancam abaixo da linha referida e dos olhos, pelo que a interpretação expedita, como capacete de cornos não é aceitável, nem de máscara cornuta.

As diversas morfologias representadas, das armações dos bovinos domésticos, angulares, em V ou formando dois ângulos retos, semicirculares e liriformes, devem corresponder a mais do que idiossincrasias dos gravadores, pois são também importantes aspetos simbólicos, conhecendo-se alterações propositadas na forma daquelas, praticadas por diversas sociedades humanas, devido a questões mágico-religiosas ou estéticas. Elas encontram-se representadas desde a Pré-História e na Antiguidade, conforme ilustra friso da pirâmide meroítica de Musawwaret (Sudão), de 400 BC-200 AD, verdadeiro catálogo de formas de cornamentas bovinas, alteradas antropicamente (Hofmann e Tomandl, 1987), prática ainda hoje corrente, entre sociedades etnográficas e que sobreviveu, na Europa, até ao século XIX.

As prospeções de M. Reis (2012, p. 27) no Vale de Namoradas, conduziram à identificação de outras rochas gravadas, entre as quais uma contendo “*mais*” figuras antropozoomorfas, designadamente duas na rocha 5 de Namoradas, que o mesmo também classificou como “*antropomorfos esquemáticos com capacete de cornos*”. Mais tarde, chamou-lhes “*antropomorfos de cornos*”, onde o emprego da preposição se encontra mal aplicado, pois ela designa relações (Reis e Alves, 2023, pp. 131, 132, 163, 165).

Duas dezenas de imagens gravadas com a mesma morfologia foram identificadas na rocha 11 da Ribeira da Cabreira (Reis e Alves, 2023, pp. 165, 167, fig. 60).

As representações que temos vindo a referir não são desconhecidas na arte esquemática pintada dos abrigos do Sul da Península Ibérica, encontrando-se exemplares na Lapa dos Gaivões e no abrigo Pinho Monteiro (Esperança, Arronches), um associado a antropomorfo esquemático e o outro a semi-naturalista (Breuil, 1933a, p. 166, est. XL-A).

Pinturas, com cor vermelha, dos abrigos, da Bacia do Guadiana, de El Estanislado (Cabeza de Buey) e da Serra de San Servan (abrigo 7), guardam bucrânios com pares de olhos, figurados através de pontos, em cada um dos lados do início do corpo (Breuil, 1933a, ests XXIII-B e XXXVII-IIe).

Os bucrânios passaram a ser conhecidos no reportório iconográfico rupestre na Península Ibérica a partir da identificação que fizemos, em 1979, do santuário exterior do Escoural, onde tais imagens jaziam em superfícies sobrepostas por níveis de ocupação e estruturas calcolíticas. O estudo deste acervo, onde reconhecemos, entre outra iconografia, bucrânios associados em pares, ou às imagens de carro e de arado, haveria de alterar as diacronias então correntes e, nomeadamente, a relacionada com a chamada “revolução dos produtos secundários”, dada a explícita relação estratigráfica ali registada (Gomes, Gomes e Santos, 1983; 1994; Gomes, 1991). Importa registar o bucrânio da rocha 6 da Ribeira de Piscos (Vila Nova de Foz Côa), um esboço semelhante a alguns da rocha 1 de Namoradas (Reis e Alves, 2023, p. 142, fig. 24).

Embora visualmente pouco evidente, a associação ou interação primária, entre antropomorfo esquemático (NAM.1.45) e viperídeo (NAM.1.46), que sobrepõe aquele, na rocha 1 de Namoradas, pode integrar conjunto, já bastante representativo de imagens que interpretamos como tifonomaquias. Trata-se de expressões gráficas resultantes de mitos, que refletem aspetos de antiga matriz conceptual humana, nomeadamente do combate contínuo entre as trevas e a luz, ou o caos e o mundo social do cosmos, que dá origem à renovação eterna da vida, e que se refletiram em comportamentos rituais, testemunhados pelas gravuras chegadas aos dias de hoje.

Encontram-se seis de tais cenas em rochas do complexo de arte rupestre do Vale do Tejo, onde em quatro delas se associou círculo, por certo figurando Sol (SS 209A; SS 214. 12-14; SS 218. 2-4; F175. 14-15; G11. 104-106; G11. 160-162) (Gomes, 2010, pp. 426, 427), mas também na rocha 8H de Mocissos, no Vale do Guadiana, com o círculo substituído por densa mancha circular de negativos (Baptista e Santos, 2013, p. 103, fig. 87). Idêntica conceção mitológica foi expressa através de pinturas esquemáticas peninsulares, conforme ilustra antropomorfo que parece dominar serpente e soliforme, em La Fuente de los Molinos (Vélez Blanco, Almeria) (Breuil, 1935, est. XV).

A outra serpente da rocha 1 de Namoradas (NAM.1.12), sugerindo entrar em covinha, constitui tema algo recorrente em alguns ciclos rupestres europeus e de outros continentes (Lewis-Williams, 2002, p. 102). Ele foi por nós identificado não só no Vale do Tejo, como no complexo rupestre do Monte de Góios (Bouça Velha r.69, Cruzeiro Velho r.4, Carvalheiras r.1, Laje das Fogaças em Lanhelas) (Gomes, 2020, pp. 588, 590, 593, 596, figs 3, 5, 9, 13). A rocha 7

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins

de Namoradas possui a representação de serpente, ao que parece isolada (Reis e Alves, 2023, pp. 132, 133, fig. 13).

A evolução das representações de bovídeos, no sentido da esquematização, pode-se observar na sucessão estratigráfica detetada na rocha 1 de Namoradas, pois aos antropozoomorfos, sucedem-se os bucrânios com jugo e a estes os bucrânios simples, cujas armações seriam ulteriormente fechadas e assim transformadas em símbolos ou estandartes solares, onde os corpos daqueles, passaram a constituir espécie de pedúnculo de ligação à terra.

10. Conclusões

As duas rochas de Namoradas, agora estudadas monograficamente, tal como todas as outras, guardando pinturas, gravuras ou relevos, ou até desprovidas de intervenções icónicas, encontrar-se-iam, durante os tempos pré e proto-históricos, mergulhadas num mundo onde preponderaria sistema de crenças animistas, pelo que terão sido interlocutoras das preocupações do homem com o transcendente (Pigeaud, 2023).

Apenas os humanos possuem a capacidade de criar e de manipular símbolos ou de produzir iconicidade. Esta é subjetiva, podendo-se parecer com algo existente na realidade ou ser apenas fruto da conceptualidade. Recorde-mos que somente uma parte das imagens produzidas ao longo dos milénios pretendem representar coisas ou formas do mundo real.

As rochas de Namoradas fizeram parte, durante a Pré-História, dos elementos constituintes da paisagem, contendo atributos capazes de acolherem ou até estimularem as ações rituais que as gravuras testemunham, nomeadamente a linha de água que ali corre perto. Água e rochas formam a constante dos grandes complexos rupestres do Ocidente Peninsular e os locais higrófilos, de algum modo liminares, possuem imagem ambígua e, para muitas sociedades etnográficas, de onde podem ter surgido as pedras, como delas nascerem as plantas e os animais.

As propriedades míticas das pedras, não raro interpretadas como residência dos antepassados ou de divindades, possuiriam os ingredientes capazes de proporcionar acesso ao mundo subterrâneo e ao almejado transcendente.

A rocha 1 de Namoradas constituiu suporte privilegiado, durante o Paleolítico Superior e sobretudo no Neolítico Final e Calcolítico, de manifestações gráficas que enformaram a acumulação de gravuras, criando verdadeiro palimpsesto. Neste, as imagens pós-paleolíticas mostram evolução morfológica que denuncia diacronias e alterações dos aspetos mitológicos, decorrentes das ideologias sócio-religiosas e dos rituais ali ocorridos durante o período temporal mencionado. Não devemos deixar de relevar a função económica dos bovídeos, representados pelos antropozoomorfos e pelos bucrânios, como a intrusão da iconografia circular nos bucrânios, por certo devida à grande importância simbólica e cultural do Sol, ocorrida no Calcolítico Pleno.

A raridade das imagens antropozoomorfas nos contextos da arte rupestre esquemática peninsular, as mais representadas na rocha 1 de Namoradas, as mitografias que se reconhecem, apesar da característica metafórica e da polissemia dos símbolos gravados, que saudavelmente tornam a “obra aberta” (Eco, 1991), permitem que consideremos aquela superfície, como um dos mais significativos testemunhos da Pré-História Recente do complexo de arte rupestre do Côa-Douro.

Referências bibliográficas

ACKERMAN, James S. (1978) – On rereading “style”. *Social Research*. New York. 45(1), pp. 153-163.

ALMAGRO GORBEA, María Josefa (1973) – *Los Idolos del Bronce I Hispano*. Madrid: Bibliotheca Prehistorica Hispana, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Ministerio de Cultura.

ANATI, Emmanuel (1968) – *Arte Preistorica in Valtellina*. Capo di Ponte: Centro Camuno di Studi Preistorici.

ANATI, Emmanuel (1999) – The rock sanctuaries of Europe. In Kaitē DĒMAKOPOULOU – *Gods and Heroes of the European Bronze Age*. London: Thames and Hudson, pp. 142-144.

ANATI, Emmanuel (2010) – *World Rock Art. The Primordial Language*. Oxford: Archeopress.

ANATI, Emmanuel; GOMES, Mário Varela (2013) – *The Züschen I Megalithic Monument (Kassel, Hessen) and its Engravings. Animal Traction, Ploughs, Carts and Wagons in Neolithic Europe*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa.

BAPTISTA, António Martinho (1983) – O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa). *Arqueologia*. Porto. 8, pp. 57-69.

BAPTISTA, António Martinho (1999) – *No Tempo sem Tempo. A Arte dos Caçadores Paleolíticos do Vale do Côa. Com Uma Perspetiva dos Ciclos Rupestres Pós-Glaciares*. V.^a N.^a de Foz Côa: Centro Nacional de Arte Rupestre.

BAPTISTA, António Martinho; GOMES, Mário Varela (1997) – Arte rupestre, *Arte rupestre e Pré-História do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 211-406.

BAPTISTA, António Martinho; REIS, Mário (2009) – Prospeção da arte rupestre do Vale do Côa e Alto Douro português: ponto da situação em Julho de 2006. In Rodrigo de BALBÍN BEHRMAN ed. – *Actas del Coloquio Arte Prehistórico al Aire Libre en el Sur de Europa*. Valladolid: Junta de Castilla y León, Consejería de Cultura y Turismo, pp. 145-192.

BAPTISTA, António Martinho; SANTOS, André Tomás (2013) – *A Arte Rupestre do Guadiana Português na Área de Influência do Alqueva*. Beja: EDIA – Empresa de Desenvolvimento e Infra-Estruturas do Alqueva. Memórias d’Odiana, 2^a série.

BEDNARIK, Robert G. (1984) – On the nature of psychograms. *The Artefact*. 8, pp. 27-32.

BLACK, Jeremy; GREEN, Anthony (1992) – *Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia. An Illustrated Dictionary*. London: British Museum Press.

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



BREUIL, Henri (1933) – *Les Peintures Rupestres Schématiques de la Péninsule Ibérique, I Au Nord du Tage*. Lagny-sur-Marne: Imprimerie de Lagny.

BREUIL, Henri (1933a) – *Les Peintures Rupestres Schématiques de la Péninsule Ibérique, II Bassin du Guadiana*. Lagny-sur-Marne: Imprimerie de Lagny.

BREUIL, Henri (1935) – *Les Peintures Rupestres Schématiques de la Péninsule Ibérique, IV Sud-Est et Est de l'Espagne*. Lagny-sur-Marne: Imprimerie de Lagny.

BREUIL, Henri (1952) – *Quatre Cents Siècles d'Art Pariétal. Les Cavernes Ornées du L'Âge du Renne*. Montignac: Centre d'Études et de Documentation Préhistoriques.

BROT, Jean (2005) – *L'Utilisation des Reliefs Naturels dans l'Art Gravé et Sculpté Pariétal du Paléolithique Supérieur Français*. Dijon: Archéologie et Préhistoire, École Pratique des Hautes Études, Université de Bourgogne.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de (2000) – Arte megalítico en la Extremadura Española. *Extremadura Arqueológica*. Badajoz. VIII, pp. 345-379.

CLOTTES, Jean; LEWIS-WILLIAMS, David (1996) – *Les Chamanes de la Préhistoire. Transe et Magie dans les Grottes Ornées*. Paris: Éditions du Seuil.

COLLADO GIRALDO, Hipólito (2006) – *Arte Rupestre en la Cuenca del Guadiana: El Conjunto de Grabados del Molino Manzániz (Alconchel – Cheles)*. Beja: Empresa de Desenvolvimento e Infra-Estruturas do Alqueva.

DESCOLA, Philippe (1986) – *La Nature Domestique. Symbolisme et Praxis dans l'Écologie des Achuar*. Paris: Maison des Sciences de l'Homme.

DURKHEIM, Émile; MAUSS, Marcel (1903) – De quelques forms primitives de la classification: Contribution à l'étude des représentations collectives. *L'Année Sociologique*. Paris. 6, pp. 1-72.

ECO, Umberto (1991) – *A Obra Aberta. Forma e Indeterminação nas Poéticas Contemporâneas*, Col. Debates – Estética, Editora Perspectiva S.A., São Paulo.

FOCILLON, Henri (1983) – *Vida das Formas, Seguido de Elogio da Mão*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

GOMES, Mário Varela (1983) – Aspects of megalithic religion according to the Portuguese menhirs. In Emanuel ANATI *The Intellectual Expressions of Prehistoric Man: Art and Religion, IIIth Valcamonica Symposium*. Capo di Ponte: Centro Camuno di Studi Preistorici, pp. 385-401.

GOMES, Mário Varela (1983a) – Arte esquemática do Vale do Tejo. *Zephyrus*. 36, pp. 277-285.

GOMES, Mário Varela (1991) – Corniformes e figuras associadas de dois santuários rupestres do Sul de Portugal. Cronologia e interpretação. *Almansor*. Montemor-o-Novo. 9, pp. 17-74.

GOMES, Mário Varela (1997) – Cromeleque dos Almendres. Um dos primeiros grandes monumentos públicos da Humanidade. In SARANTOPOULOS, Panagiotis – *Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora, pp. 25-34.

GOMES, Mário Varela (2002) – Arte rupestre em Portugal – perspectiva sobre o último século. *Arqueologia & História – Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, 54, Lisboa, pp. 139-194.

GOMES, Mário Varela (2002a) – *De Monsaraz e o seu Termo ao Cromeleque do Xarez*. Lisboa: Fundação Convento da Orada.

GOMES, Mário Varela (2003) – *Cromeleque dos Almendres – Um Monumento Sócio-Religioso Neolítico*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

GOMES, Mário Varela (2004) – A rocha 11 de Gardete (Vila Velha de Ródão) e os períodos terminais da arte rupestre do Vale do Tejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7(1), pp. 61-128.

GOMES, Mário Varela (2007) – Estela-menir da Herdade do Barrocal (Reguengos de Monsaraz, Évora): resultados dos trabalhos de 1995. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10(1), pp. 43-71.

GOMES, Mário Varela (2008) – O alinhamento da Vilarinha (São Bartolomeu de Messines, Silves). *Arquitectura e arte megalítica. Xelb. Silves*. 8(1), pp. 51-74.

GOMES, Mário Varela (2010) – *Arte Rupestre do Vale do Tejo. Um ciclo Artístico – Cultural Pré e Proto-Histórico*, 3 vols. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

GOMES, Mário Varela (2020) – Arte rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009. In José Morais ARNAUD, César NEVES e Andrea MARTINS – *Arqueologia em Portugal. 2020 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CITCEM, pp. 571-598.

GOMES, Mário Varela (2021) – Castelo Belinho – A pristine Neolithic village in South-western Iberian Peninsula. Spaces, structures, functions and symbols, in the origins of urbanization. *Expression*. Capo di Ponte. 32(June 2021), pp. 58-73.

GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela; SANTOS, Manuel Farinha dos (1994) – O santuário exterior do Escoural-Sector SE (Montemor-o-Novo, Évora), *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. vol. 2, pp. 93-108.

GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela; SANTOS, Manuel Farinha dos (1983) – O santuário exterior do Escoural. Sector NE (Montemor-o-Novo, Évora). *Zephyrus*. Salamanca. 36, pp. 287-307.

GRAY, John (1986) – *Próximo Oriente, Biblioteca dos Grandes Mitos e das Lendas Universais*. Lisboa: Editorial Verbo.

HADJINICOLAOU, Nicos (1973) – *Histoire de l'Art et Lutte des Classes*. Paris: Éditions François Maspero.

HERNÁNDEZ-PACHECO, Eduardo; CABRÉ, Juan; VEGA DEL SELLA, Conde de la (1914) – *Las Pinturas Prehistóricas de Peña Tú*. Madrid: Instituto Nacional de Ciencias Fisio-Naturales. Trabajos de la Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, número 2.

HOFMANN, Inge; TOMANDL, Herbert (1987) – Die Bedeutung des Tieres in der me-roitischen Kultur. *Beiträge zur Sudanforschung*. Viena. 2, pp. 5-128.

JUNG, Carl Gustav (1974) – *El Hombre y sus Símbolos*. Madrid: Ediciones Aguilar.

KENNEDY, John M.; SILVER, Judy (1974) – The surrogate functions of lines in visual perception: Evidence from antipodal rock and cave artwork sources. *Perception*. 3, pp. 313-322.

KOHRING, Sheila (2014) – Materiality, technology, and constructing social knowledge

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



through bodily representation: A view from Prehistoric Guernsey, Channel Islands. *European Journal of Archaeology*. Cambridge. 17(2), pp. 248-263.

LEVY, Jerre (1976) – Lateral dominance and aesthetic preference. *Neuropsychologia*. 14(4), pp. 431-445.

LEWIS-WILLIAMS, J. David (2002) – *A Cosmos in Stone. Interpreting Religion and Society Through Rock Art*. Walnut Creek: Altamira Press.

LOMMEL, Andreas (1967) – *The World of the Early Hunters. Medicine-men, Shamans and Artists*. Kent: Evelyn, Adams & Mackay Ltd.

LORBLANCHET, Michel (1977) – From naturalism to abstraction in European prehistoric rock art. In Peter UCKO (ed.) – *Form in Indigenous Art Schematisation in the Art of Aboriginal Australia and Prehistoric Europe*. London: Gerald Duckworth and Company Ltd., pp. 44-56.

LORBLANCHET, Michel (1993) – Les tracés indéterminés. In *L'Art Pariétal Paléolithique. Techniques et Méthodes d'Étude*. Paris: Ministère de l'Enseignement et de la Recherche, pp. 235-241.

MARQUES, Horácio Tomé (2013) – Portas do Côa: reinventar a interpretação de uma herança milenar. *Sabucale*. Sabugal. 5, pp. 7-18.

MARSHACK, Alexander (1977) – The meander as a system: The analysis and recognition of iconographic units in Upper Palaeolithic compositions. In Peter J. UCKO – *Form in Indigenous Art. Schematisation in the Art of Aboriginal Australia and Prehistoric Europe*. London: Gerald Duckworth and Company Ltd (Prehistory and Material Culture Series, No. 13), pp. 286-317.

MARZONA, Daniel (2009) – *Minimal Art*. Bonn: Taschen.

OBERMAIER, Hugo (1924) – El Dolmen de Soto (Trigueros; Huelva). *Boletín de la Sociedad Española de Excursiones*. Madrid. 32, pp. 1-31, X ests.

PIGEAUD, Romain (2023) – Conversations avec la grotte ornée. *Archéologia*. 626, p. 16.

REIS, Mário (2011) – Prospecção da arte rupestre do Côa: ponto da situação em Maio de 2009. In Miguel Areosa RODRIGUES, Alexandra Cerveira LIMA, André Tomás SANTOS – *Actas do V Congresso de Arqueologia – Interior Norte e Centro de Portugal*. Porto: Caleidoscópio, Direcção Regional de Cultura do Norte, pp. 11-123.

REIS, Mário (2012) – Mil rochas e tal...! Inventário dos sítios da arte rupestre do Vale do Côa, *Portvgalia*. Porto. Nova Série, 33, pp. 5-72.

REIS, Mário; ALVES, Lara Bacelar (2023) – Entre o Côa e o Douro, nos longos milénios do pós-glaciar: quadro de referência da arte rupestre da Pré-História Recente da região do Côa, In, Dalila CORREIA, André Tomás SANTOS (coord.) *Por Este Rio Acima. A Arte Pré e Proto-Histórica do Vale do Côa*, Côa Parque, Fundação para a Salvaguarda e Valorização do Vale do Côa, Vila Nova de Foz Côa, pp. 117-180.

SCHAPIRO, Meyer (1994) – *Theory and Philosophy of Art: Style, Artist, and Society*. New York: George Braziller.

SERRÃO, Vítor Manuel (1990) – *Estudos de Pintura Maneirista e Barroca*. Lisboa: Editorial Caminho.

TWOHIG, Elizabeth Shee (1981) – *The Megalithic Art of Western Europe*. Oxford: Clarendon Press.

Figuras

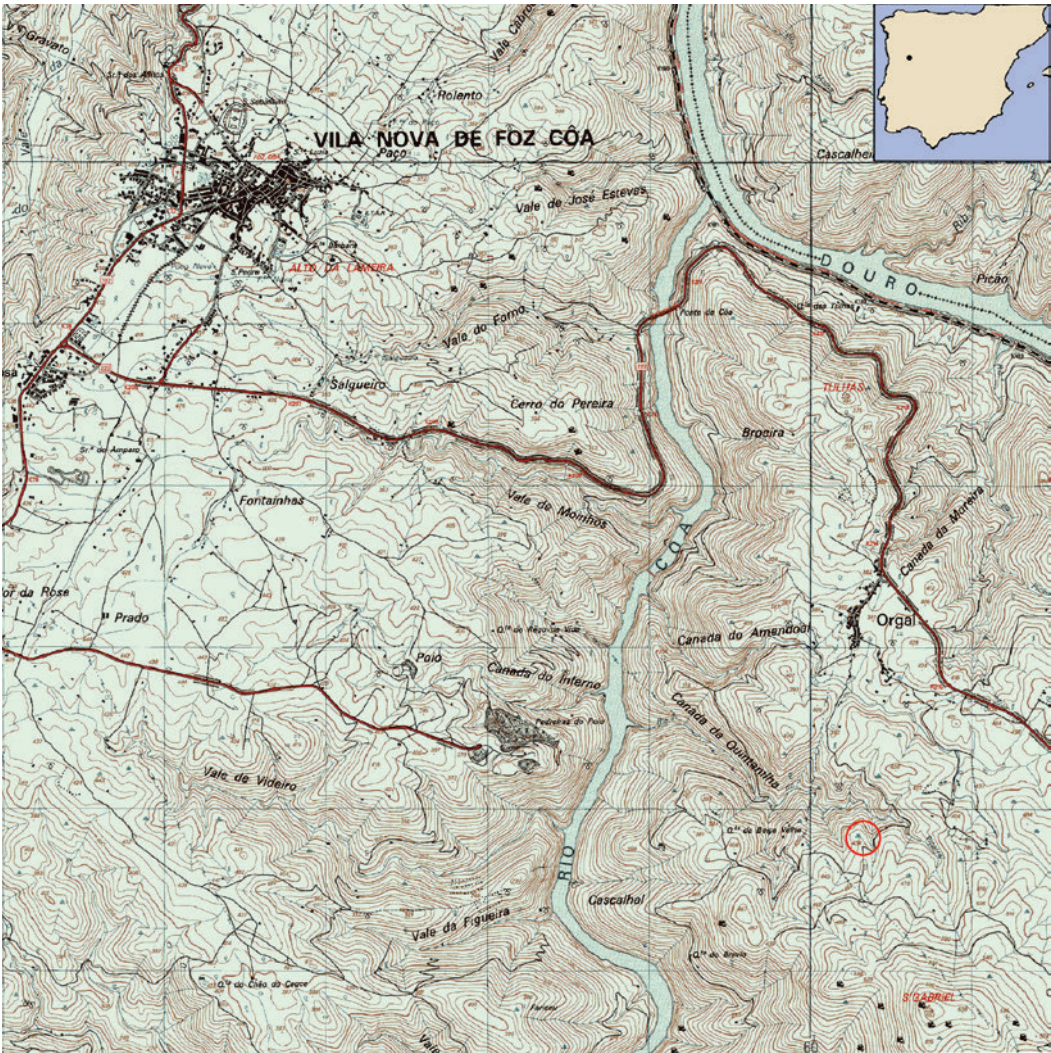


Figura 1 - Localização das rochas 1 e 2 de Namoradas (Vila Nova de Foz Côa) (seg. *Carta Militar de Portugal*, folha 141, SCE).

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins





Figura 2 – Levantamento das gravuras da rocha 1 de Namoradas e corte da mesma.

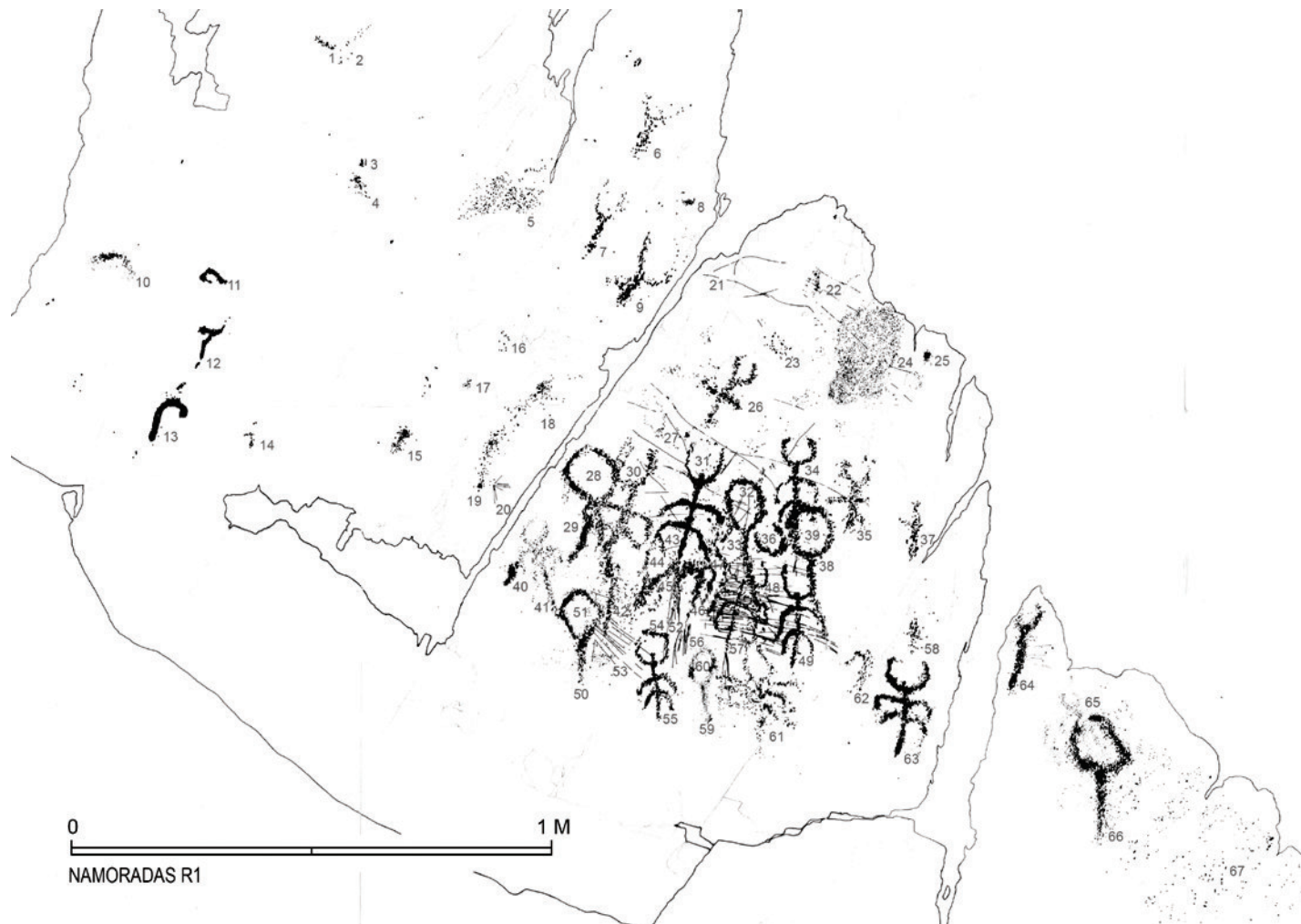


Figura 3 – Gravuras da rocha 1 de Namoradas, numeradas sequencialmente.

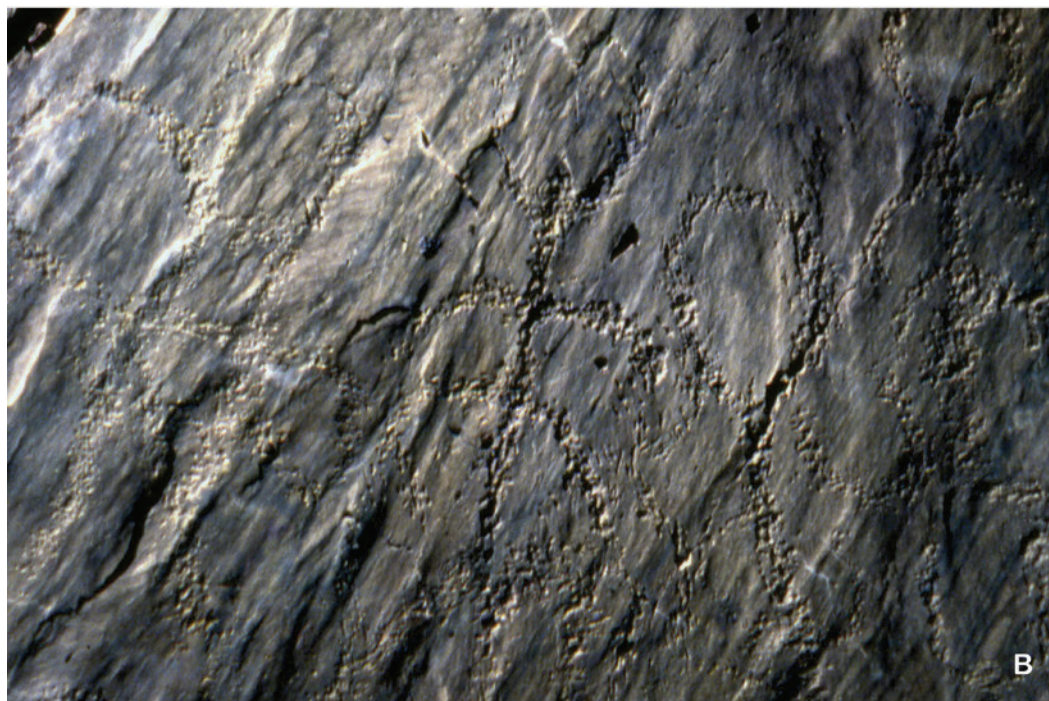


Figura 4 – Gravuras da zona central da rocha 1 de Namoradas (A) e figura dominante daquela (B) (fotos M. V. Gomes, 1995).

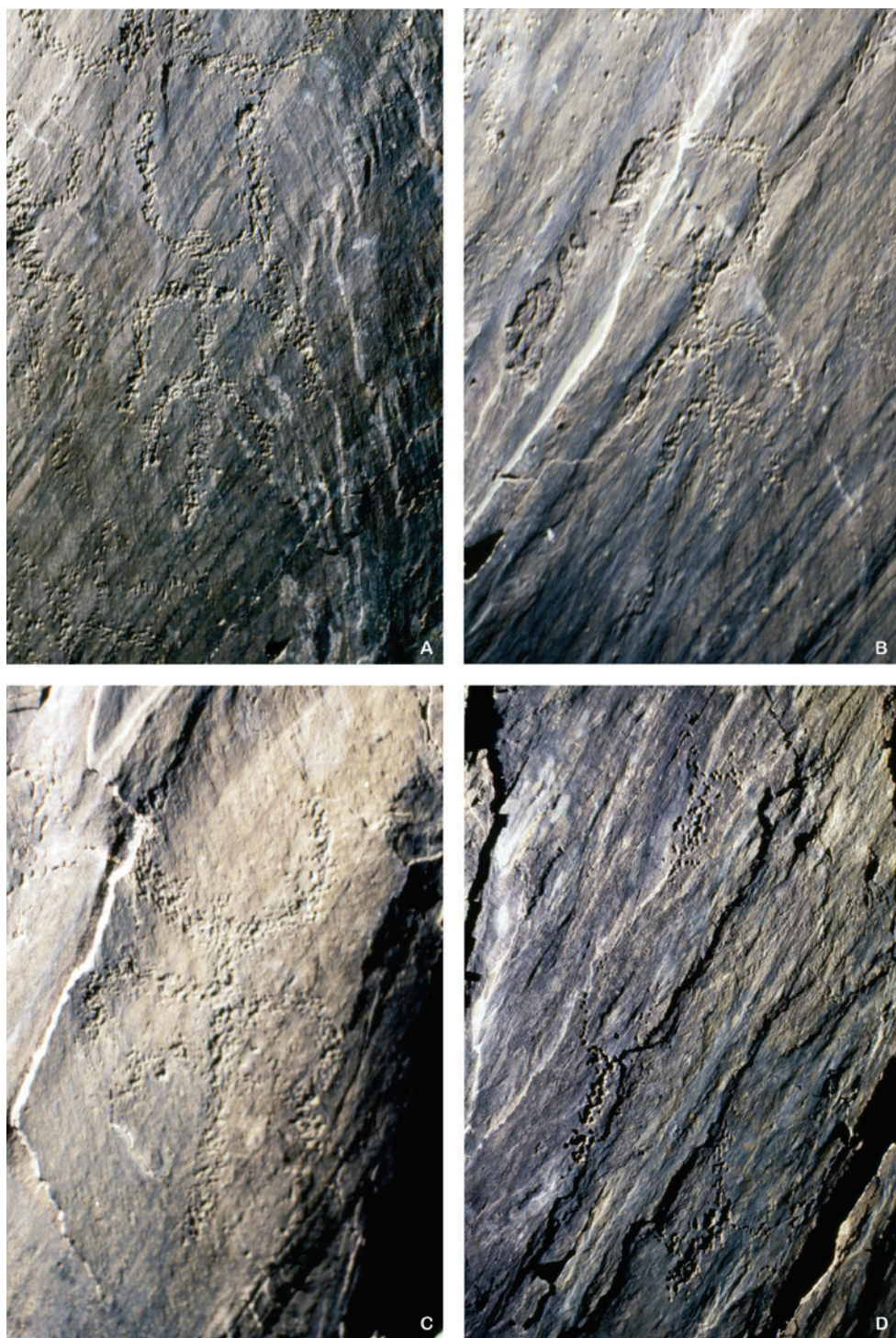


Figura 5 – Antropozoomorfos (A. NAM.1.49; B. NAM.1.55; C. NAM.1.53) e bucrânios (D. NAM.1.6; NAM.1.7; NAM.1.9) (fotos M. V. Gomes, 1995).

As gravuras
das rochas 1 e 2
de Namoradas
(Urgal, Vila Nova
de Foz Côa).
Contributo para
o conhecimento
da arte
esquemática
gravada
do Complexo
Rupestre
Côa-Douro



Figura 6 – Levantamento das gravuras da rocha 2 de Namoradas.

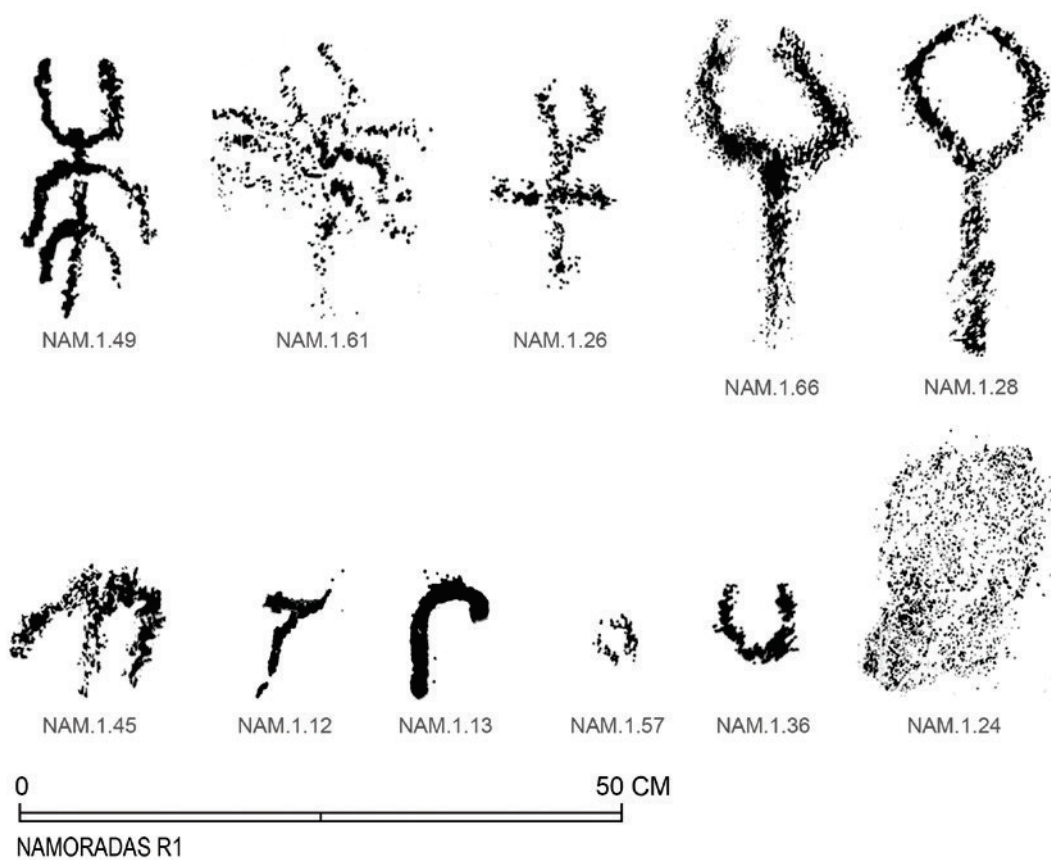


Figura 7 – Catálogo das principais formas registadas na rocha 1 de Namoradas.

Estudos
Sobre
Arte
Ruprestre

In
memoriam
Andrea
Martins

As gravuras
das rochas 1 e 2
de Namoradas
(Urgal, Vila Nova
de Foz Côa).
Contributo para
o conhecimento
da arte
esquemática
gravada
do Complexo
Rupestre
Côa-Douro

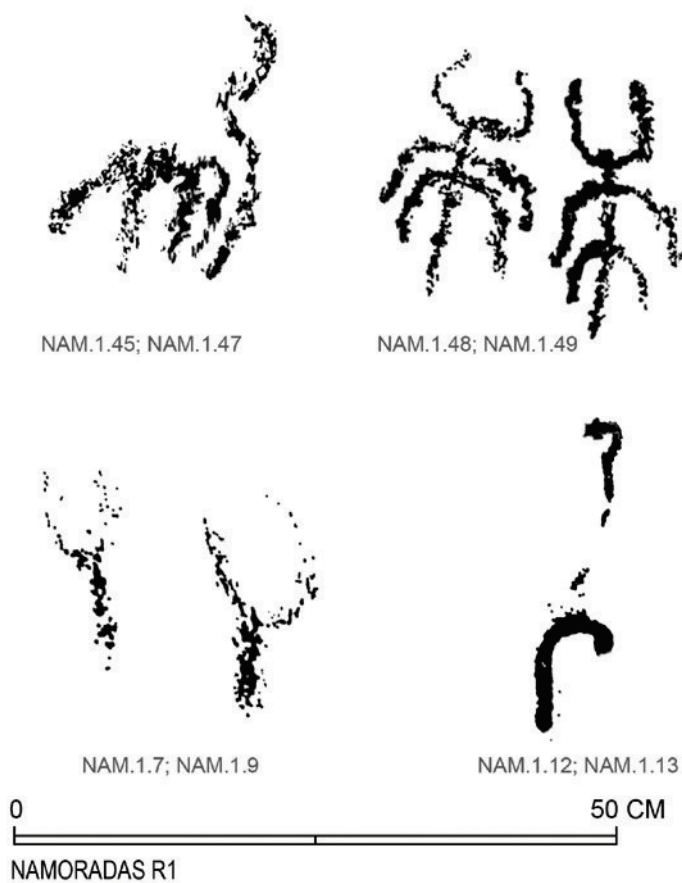


Figura 8 – Associações primárias de símbolos da rocha 1 de Namoradas.

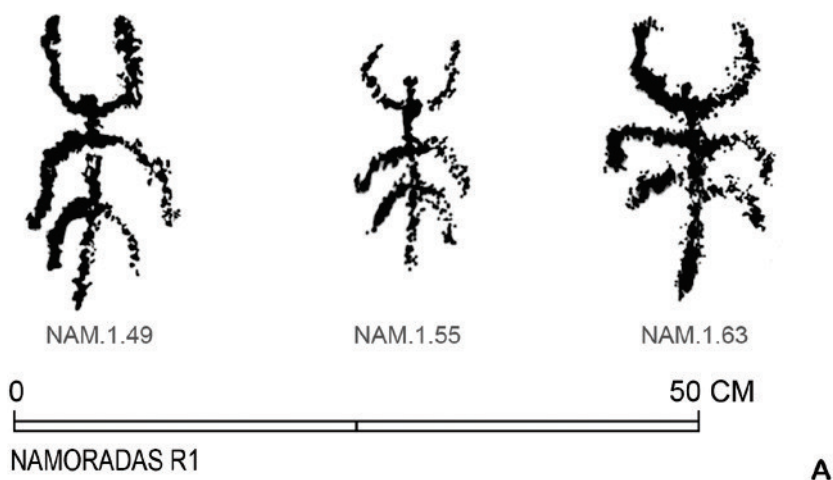


Figura 9 – A. Antropozoomorfos da rocha 1 de Namoradas, com gravação diferente, entre os lados direito e esquerdo. B. Antropozoomorfos da rocha 11 do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa) (seg. A. M. Baptista, 1983, p. 67, fig. 16).

Estudos
Sobre
Arte
Ruprestre

In
memoriam
Andrea
Martins



As gravuras
das rochas 1 e 2
de Namoradas
(Urgal, Vila Nova
de Foz Côa).
Contributo para
o conhecimento
da arte
esquemática
gravada
do Complexo
Rupetre
Côa-Douro



Figura 10 – Antropomorfo esquemático. Rocha 23 de Quinta da Barca. O corpo e ambos membros foram prolongados num segundo momento de gravação (foto M. V. Gomes, 1996).

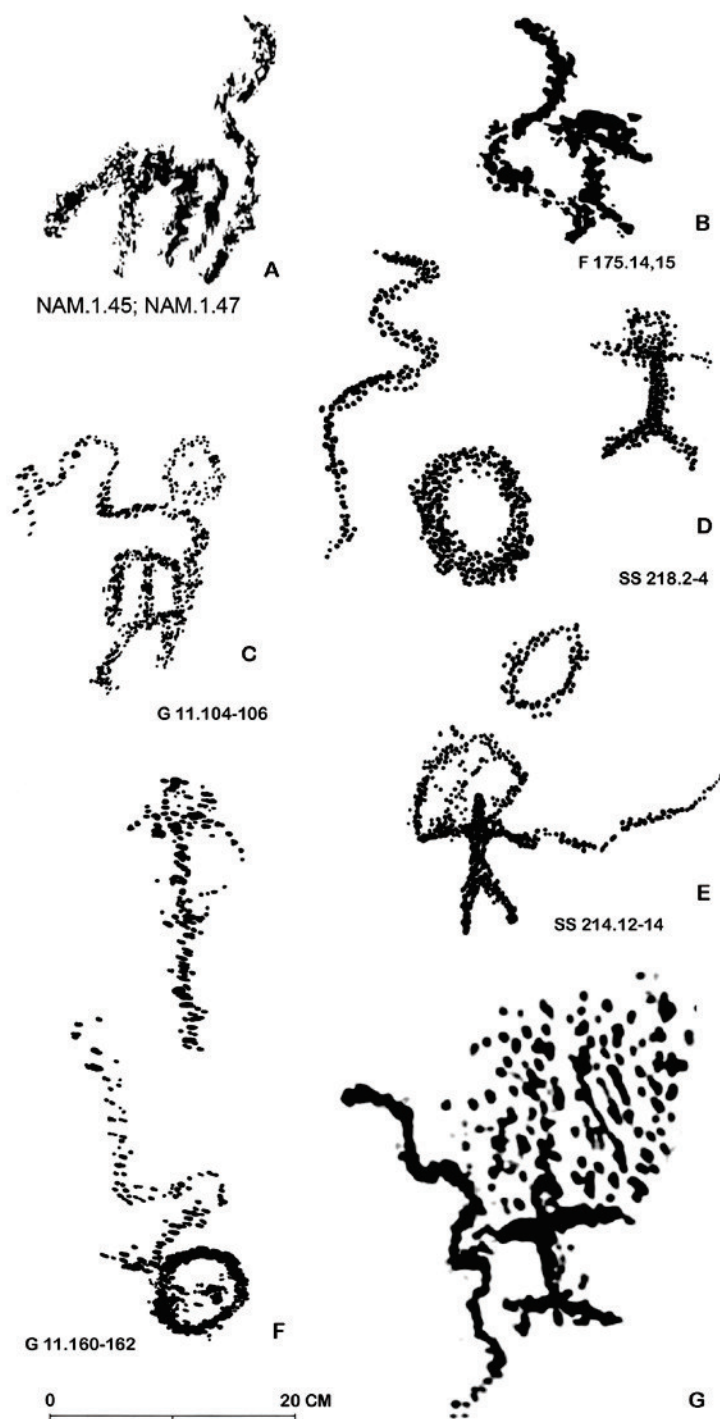


Figura 11 - Tifonomaquias. A. Namoradas, r.1; B. Fratel, r.175; C, F. Gardete, r.11; D, E. São Simão, r.214 e r.218 (seg. M. V. Gomes); G. Mocissos, r.8H (seg. Baptista e Santos, 2013, p. 103, fig. 87).

Estudos
Sobre
Arte
Ruprestre

In
memoriam
Andrea
Martins